LAMPIÃO
da esquina

Ano 2/ nº 23 | Rio de Janeiro — abril de 1980 — Cr$ 30,00 | Leitura para maiores de 18 anos

TUDO SOBRE O ENCONTRO DO POVO GAY

ESQUERDA JOGA BOSTA NAS FEMINISTAS

OS HOMOSEXUAIS DA TV

UM MOLIÊRE PARA MARIA LEOPOLDINA

A NUDEZ DO MENINO DO RIO

MACONHA: o que é isso, xará?

Esquerda, direita, um dois

Muito freqüentemente, as bichas são acusadas de alienação política. Que não militam, não atuam, não se engajam, não lutam, não se filiam a partidos. Para a chamada Esquerda, de matriz presteana, todos nós somos nojentos, fascistas; para a Direita (pedessista e etc.), somos um bando de comunistas canibais a serviço de Moscou, como diria "el japonecito pauliceo"; para os centristas liberalóides, estamos espalhados pela Direita e pela Esquerda, tentando comer e ser comidos (afinal, segundo eles, não fazemos outra coisa).

Ora, num momento como este que estamos vivendo no Brasil, com um samba-enredo batizado de "abertura", com destaques como a anistia parcial e restrita, com uma Simone faturando em cima de Geraldo Vandré, e com a devida comercialização, capitalista, do "Pra não dizer que não falei de flores", quando anda no ar um leve cheiro a re (???) — democratização, e preciso que a viadagem dispa a fantasia e grite: BASTA!!!

É, basta! Não podemos aceitar entrar nesse jogo, de olhos fechados. Temos que denunciar e combater, hoje mais que nunca, os totalitarismos neofacistas e noestalinistas; denunciar e combater os herdeiros de Hitler/Mussolini/Franco/Salazar e os herdeiros de Stálin: todos nos fuzilarão no paredão, logo que puderem, ou nos expulsarão para as sibérias e as guianas da vida. E, também, não podemos entrar na dos liberalóides centristas, que vão querer nos encerrar, civilizada e democraticamente, nos guetos da pornografia, da prostituição e do deboche legal. No fundo, todos querem que a gente abra alas e dê passagem, para eles chegarem ao poder mais facilmente. Vamos nessa! Nem Mortas...

De repente, pinta a questão: então, devemos estar contra isso aí? Estamos melhor nos tempos da **fechadura** e da **abertura?** Não, nada disso. Hoje, já não é tão fácil prenderem o povão, torturarem o povão, matarem o povão, "desaparecerem" o povão. Hoje, já é mais difícil calarem nossas bocas, ou nos jogarem do alto dos aviões deles. Então, todos estamos ganhando, vencemos alguma coisa, subimos outro degrau. Todos, mesmo as bichas e os sapatões. É o ser humano que está ganhando, e nós somos, de começo, seres humanos; homossexuais, negros, mulheres, ecologistas, isto é, aqueles a quem o sistema rotulou de "minorias", para poder acreditar que é maioria.

A gente aplaude (e continua apoiando) o começo do fim do autoritarismo e da ditadura. Porém, a gente quer mais. Não nos basta essa água morna e parada, **esse não trepa nem sai de cima.** A gente quer é mais. Muito mais. A gente quer é a Liberdade de viver, comer, trabalhar, descansar, morar, ter saúde, estudar, transar. A gente quer que todos sejam realmente iguais, verdadeiramente livres. A gente quer uma sociedade igualitária, sem injustiças. A gente quer é poder ser humano. Agora, desse coquetel de clubes biônicos recém-paridos, que levam o nome de Partidos (eles estão mesmo é quebrados...), qual nos garante isso tudo que a gente quer? Não, não é nos programas bonitinhos, não, é na prática mesmo. Qual?

Vão me chamar de radical, tô sabendo. Mas, não estou nem aí. E, depois, sou radical mesmo. E daí? Afinal, todo o homossexual é radical (graças às deusas!), porque desafiam a sociedade mascarada e farisaica, porque vive na verdade, porque tem a coragem da luta, porque tem a ousada valentia da opção sexual diferente. Daí, a gente leva porrada na Montenegro, na Bolsa, na Djalma Ulrich, na Miguel Lemos. A gente é caçado pelo EBC/BCD, mas tudo bem, a gente dá a volta por cima e vai em frente. Um dia a gente conversa, garotões... Até lá, não vai ser difícil a gente se encontrar numa cama, né?, e tô sabendo quem se vira e pede bis! A gente se esbarra.

O ex-guerrilheiro Fernando Gabeira: partindo outra vez para um exílio dourado?

Eu acho que a viadagem tem duas saídas dignas: ou fica de fora da jogada partidária, ou entra num partido e faz a luta por dentro (sem dar bandeira, pra não ser expulsa); não pode é entrar num partido conservador, como todos esses que tão aí, e topar as regras do jogo, as ordens dos caudilhos. Não entrar, ou entrar e combater lá dentro. Não podemos é ficar na janela, como a Carolina do Chico (e a Geni — II?), vendo o tempo correr e a banda passar.

Claro que corremos riscos, basta ver o que aconteceu com a bicharada que se assumiu dentro da Convergência, que precisou se mandar, que praticamente foi expulsa. Mas, quem não quiser correr riscos, é melhor seguir o caminho do ex-guerrilheiro e ex-radical Gabeira, voando para um segundo exílio dourado qualquer. Não estou condenando o Gaba, não senhor, estou apenas criticando ele, pois a gente confiou no cara e a figura se mandou.

Agora. Existe a verdadeira Esquerda, hoje, no Brasil? A bicharada pode militar nela? Como não está registrada, oficialmente ela não existe, é clandestina; então, é crime entrar nela: dá para entender a armação, a marmelada? Dá. Se os poderosos do Poder e os outros (os que ainda não estão no Poder) nos querem impedir de lutar por nossos direitos de pessoas, e de pessoas homossexuais, a gente não pode ficar de braços cruzados, esperando sei lá o quê. Ao mesmo tempo que vamos combater para atingir a autêntica democracia, temos que lutar pela conscientização e afirmação da nossa opção homossexual; isso, só conseguiremos se houver união, se nos agruparmos, se a gente realizar um trabalho conjunto. É para isso que estão pipocando, no Brasil todo, os grupos de homossexuais organizados e atuantes: os SOMOS (São Paulo, Rio, Sorocaba), o AUÊ (Rio), o BEIJO LIVRE (Brasília), o EROS (São Paulo), o LIBERTOS (Guarulhos), o GAAG (D. de Caxias), a ATUAÇÃO FEMINISTA (São Paulo), e muitos outros se formando. É por isso que já é possível um **I Encontro Nacional de Homossexuais** (São Paulo, Abril/80). É por isso e para isso que o LAMPIÃO está aí, em seu segundo ano, aumentando sempre sua força.

Não estamos formando guetos, não, nem fugindo da luta comum a todos os seres humanos. Somos contra o gueto e somos lutadores. Porém, quando recusam o espaço, criamos nosso próprio espaço.

Sem qualquer propaganda, cruz-credo, dizemos aqui que só estamos sabendo de um partido onde as bichas assumidas estão sendo relativamente aceitas. E o partido do macho Lula, pasmem (?). Porém, mesmo ali, a bicharada é sutilmente encaminhada para uma atuação de tipo artístico-cultural, isto é, é encerrada um gueto. Mas, do mal o menor, sempre há ali lugar para os viados, desde que sejam cultos e artistas: que raio de gozação, gente.

— Agora mesmo, escutando o rádio enquanto bato este texto, fiquei sabendo do assassinato de mais dois companheiros homossexuais, um casal, um caso. Foi lá em Santa Teresa, na Almirante Alexandrino. Ninguém viu nada, ninguém escutou nada, ninguém sabe nada... Como sempre, claro, a polícia não vai encontrar o ou os assassinos ("bicha tem mesmo é que morrer": não é o que eles dizem?); e, se encontrar o machismo da nossa (?) justiça (sic) se encarregará de, como antes, absolver o ou os criminosos. Quantos assassinos de bichas estão nas prisões deste país? —

Já chega de encher linguado. A hora é de luta e de combate, vamos prá briga. Lutemos dentro dos partidos que nos aceitarem, combatamos os partidos que nos recusarem. Para a trincheira, fora do gueto, como pessoas e como pessoas homossexuais.

Essa tal de "abertura", também é nossa, das bichas e dos sapatões. (**João Carneiro, Somos/RJ**)

LAMPIÃO

Conselho Editorial — Adão Acosta, Aguinaldo Silva, Antônio Chrysóstomo, Clóvis Marques, Darcy Penteado, Francisco Bittencourt, Gasparino Damata, Jean-Claude Bernardet, João Silvério Trevisan e Peter Fry.

Coordenador de edição — Aguinaldo Silva.

Colaboradores — Agildo Guimarães, Frederico Jorge Dantas, Alceste Pinheiro, Paulo Sérgio Pestana, José Fernando Bastos, Rubem Confete, Henrique Neiva, Leila Miccolis, Luiz Carlos Lacerda, Mirna Grzich, João Carneiro, João Carlos Rodrigues e Aristóteles Rodrigues (Rio); José Pires Barroso Filho, Carlos Alberto Miranda (Niterói); Marisa, Edward MacRae (Campinas); Glauco Mattoso, Celso Curi, Edélcio Mostaço, Paulo Augusto, Cynthia Sarti, Francisco Fukushima (São Paulo); Eduardo Dantas (Campo Grande); Amylton Almeida (Vitória); Zé Albuquerque (Recife); Luiz Mott (Salvador); Gilmar de Carvalho (Fortaleza); Alexandre Ribondi (Brasília); Políbio Alves (João Pessoa), Franklin Jorge (Natal); Paulo Hecker Filho (Porto Alegre); Wilson Bueno (Curitiba); Edvaldo Ribeiro de Oliveira (Jacareí).

Correspondentes — Fran Tornabene (San Francisco); Allen Young (Nova York); Armando de Fulviá (Barcelona); Ricardo e Hector (Madrid); Addy (Londres); Celestino (Paris), Anton Leicht e Nestor Perkal (Franskfurt).

Fotos — Billy Aciolly, Dimitri Ribeiro (Rio); Dimas Schtini (São Paulo) e arquivo.

Arte — Dimitri Ribeiro (coordenador), Nelson Souto (diagramação), Mem de Sá (capa), Patrício Bisso, Hildebrando de Castro, José Carlos Mendes e Levi.

Arte final — Edmílson Vieira da Costa.

Publicidade — Ward Omanguin Farias.

LAMPIÃO da Esquina é uma publicação da Esquina — Editora de Livros, Jornais e Revistas Ltda.; CGC (MF) 29529856/0001-30; Inscrição estadual, 81.547.113.

Endereço — Rua Joaquim Silva, 11 s/707, Lapa, Rio. Correspondência: Caixa Postal 41031, CEP 20400 (Santa Teresa), Rio de Janeiro, RJ.

Composto e impresso na Gráfica e Editora Jornal do Comércio S.A. — Rua do Livramento, 189/203, Rio.

Distribuição — **Rio:** Distribuidora de Jornais e Revistas Presidente Ltda. (Rua da Constituição, 65/67); **São Paulo:** Paulino Carcanhetti; **Salvador:** Livraria Literarte; **Florianópolis e Joinville:** Amo, Representações e Distribuições de Livros e Periódicos Ltda.; **Belo Horizonte:** Distribuidora Riccio de Jornais e Revistas Ltda.; **Porto Alegre:** Coojornal; **Curitiba:** J. Ghignone e Cia. Ltda.; **Vitória:** Angelo V. Zurlo; **Campos:** R. S. Santana; **Jundiaí:** Distribuidora Paulista de Livros, Jornais e Revistas Ltda.; **Campinas:** Distribuidora Campineira de Jornais e Revistas Ltda. e Distribuidora Constanzo de Jornais e Revistas Ltda.; **Ribeirão Preto:** Centro Acadêmico de Filosofia; **Juiz de Fora:** Ercole Caruso & Cia. Ltda.; **Londrina:** Livraria Reunida Apucarana Ltda.; **Brasília:** Alexandre Ribondi; **Goiânia:** Agrício Braga & Cia. Ltda.; **Recife:** Deateca — Comércio e Representações Ltda.; **Fortaleza:** Orbras — Organização Brasileira de Serviços Ltda.; **Manaus:** Stanley White.

Assinatura anual (doze números), Cr$ 300,00. Número atrasado: Cr$ 35,00; Assinatura para o exterior: US$ 25,00.

O travesti, este desconhecido

O papel do travesti na emancipação feminina

A conscientização e conseqüente reivindicação dos direitos da mulher está aos poucos, mesmo se lentamente, modificando a estrutura patriarcal que vigorou até agora e que sempre deu ao macho a preponderância no sistema social, coisa essa já muito sabida e muito falada. Mas isto nos permite entre outras coisas, prever para o futuro (sabe-se lá quando?), uma formação sociofamiliar (ou algo que venha corresponder a ela), dividida em duas facções: uma, que se poderá considerar como integrante de uma sociedade ideal, em que o ser humano, não importando o sexo civil mas a sua preferência sexual, encontrará a sua forma de viver coletivamente, na ligação com outro (ou outros), para juntos desfrutarem os prazeres dos próprios corpos, liberados dos interesses de procriação e da conseqüente manutenção da espécie. Da mesma forma estarão colocados de lado os interesses econômicos que se aproveitam dos sentimentos e das atrações sexuais para impor a sua oficialização quase irreversível, como o casamento, que tem como conseqüência a priori, estabelecida, a prepotência do mais forte, e a obediência e dependência do mais fraco, que via de regra é a mulher. Já se pode prever também, nessa sociedade ideal, que a procriação será planejada, pelos que assim a desejarem e totalmente subvencionada e mantida pelo Estado, principal interessado nela.

Haverá porém, como sempre acontece, uma segunda facção composta de reacionários sexuais, dotados de mentalidade nostálgica e acadêmica: os herdeiros culturais da sociedade machista atual. A estes restarão bem poucas alternativas: primeiro porque o conceito de pecado, do sexo proibido que tanto tem sido incentivado pela cultura judaico-cristã, estará exaurido ou caduco; segundo porque a mulher-objeto (forma humana receptadora do falo e do esperma, aquela que tem sido apenas o veículo do prazer masculino; ou ainda a procriação por obrigação), será substituída pela mulher conscientizada do seu prazer do uso do próprio corpo.

Qual então o saldo que nessa sociedade futura irá satisfazer sexualmente o machão tradicionalista? Ora! não se mostrem cegos e ignorantes perante o óbvio: é claro que o **travesti!** Porque este (como foi citado no artigo anterior), não reivindica mais que isto: ser mulher-objeto. No caso, o fator econômico que faz atualmente do travestismo uma profissão sexual (conforme também já foi dito, quem não leu que procure no número anterior do **Lampião**, será de pouca importância porque, nos termos dessa tal sociedade ideal a prostituição, seja masculina ou feminina, não mais existirá pela sua razão econômica e sim, apenas, pela solicitação do ego de cada um, desde que a sua empestação psíquica exija esse tipo particular de sexualidade, que é a de submissão ao macho.

Portanto, nesse mundo futuro, felizmente despojado da nossa escala de valores morais (prepotente mas também servil, falsa, inepta, dependente, preconceituosa, penitente, recheada de complexos de culpa, etc., etc.), as pessoas curtirão em plenitude a própria sexualidade, fazendo dela a base para a sua individualidade e, conseqüentemente, a estrutura para a sua formação e atuação social e política. Porém... surgirá dentro dela (sociedade do futuro) um quadro bizarro: uma facção tradicionalista procurando **ainda** alimentar os valores machistas de antanho. Serão os saudosistas sexuais da mulher objeto e que, por força das circunstâncias, irão servir-se para tal fim... dos travestis.

Assim sendo, o travesti-prostituto que hoje é objeto de escárnio da sociedade tradicional, aquele que provoca rubores entre os bem acomodados, que é saco de pancada de polícia, lavador de latrina de xadrez, a Geni em quem os bofes jogam bosta (depois de a comerem ou de terem sido comidos por ela), estarão para o futuro como um resquício da feminilidade falocrática quase desaparecida, mas ainda cultivada por um grupo de nostálgicos sexuais.

Entenda-se que a mentalidade da mulher-objeto poderá permanecer, mesmo numa sociedade conscientizada. Porém aparecerá como excessão, como uma das muitas formas de livre expressão que, espera-se, irão existir no mundo futuro — assim como aqueles homossexuais, **também** falocratas, que ainda acreditarão na função ativo-passivo. Idem, idem, continuará existindo uma conceituação sexual hoje confundida com a prostituição feminina, que a sociedade machista considera uma doença, denominando-a discriminatoriamente de furor uterino, e que na verdade é uma mera necessidade de exacerbação sexual, o que nos homens ganha a força de um atributo: garanhice.

A verdade é que, mesmo aos tropeções caminhamos (ou caminharemos) para uma comunidade que por tentar ser a ideal, não escapa de parecer utópica. Mas vamos manter a esperança, pelo menos em pensamento, de que nela todos os direitos serão igualmente cumpridos e respeitados: usaremos a nossa mente e o nosso corpo ao prazer da nossa própria responsabilidade e na mesma proporção em que respeitaremos a integridade alheia. Dessa **Shangri-Lá** poderemos exigir e obter tudo.

E obtido isto, ninguém vai segurá-los, podem crer! É fato conhecido através da história que as amantes dos reis, dos governantes, dos senhores do mundo, tiveram atuações políticas, muitas vezes, bastante mais importantes que as esposas legítimas. A conjuntura sexual sentimental que fez com que as Dianas de Poitiers, Pompadours ou Domitilas tivessem mais acesso ao poder que as esposas, não deve ser nenhum enigma para os travestis. Assim é que no futuro já falado (se desgraçadamente ainda forem necessários governos) em vez das tradicionais cocotas teremos travestis agindo nos bastidores do sistema. Mas isto será da alçada dos futuros senhores do mundo, não da minha. (**Darcy Penteado**)

Altos sonhos, xará

"Arranquemos os trincos das portas!
Arranquemos as próprias portas dos seus umbrais!" (**Allen Ginsberg**)

Em uma das suas últimas entrevistas destinadas a modernizar as nossas esquerdas provincianas, Fernando Gabeira lançou uma bomba que está demorando a explodir. É a reforma das leis sobre o consumo da maconha. Não que o nosso já saudoso guerrilheiro dos costumes tenha sido o primeiro a tocar no assunto. Outras personalidades (Gilberto Gil, Rita Lee) e entidades (Libelu) já tinham feito isso, se bem que forçados pelas circunstâncias.

Que planta diabólica é esta, que já chegou a ser associada tanto à "subversão comunista" como à "infiltração da CIA" e à "nociva influência da lascívia oriental"?

Seu nome científico é **Cannabis Sativa.** Originária das encostas do Himalaia (único local ainda encontrada em estado selvagem), a maconha é usada na Índia pelo menos desde cerca de 1.300 antes de Cristo no tratamento da asma, do glaucoma, da histeria, assim como afrodisíaco (vide o livro sagrado Atharva Veda). Ao contrário da maioria dos vegetais, que é hermafrodita, a **Cannabis** é uma variedade sexuada. Ou seja, possui plantas de sexo masculino e outros do sexo feminino. Apenas esta última tem rentabilidade comercial.

Dela podem ser extraídos pelo menos três produtos: o **Bhang** (comidas ou bebidas feitas com a planta macho), a **Granja** (cigarros feitos com as flores secas da planta fêmea) e o **Charas** ou **Haxixe** (resina concentrada que pode ser tanto comida como fumada). No Brasil, como em todo o continente americano e boa parte da África, a **Ganja** é a forma utilizada pelos consumidores. Mesmo que adquira nomes regionais como Marijuana no México, Diamba na Angola e, entre nós, Manga Rosa ou Maconha.

A **Cannabis** chegou até nós trazida pelos escravos negros, que por sua vez a receberam dos mercadores árabes, que foram buscá-la na Índia, via Pérsia. Aliás, foi através de um fato acontecido neste último país que ela foi pela primeira vez associada à criminalidade. Expliquemos. Entre 1090 e 1272 da era cristã, floresceu nas montanhas persas uma guerrilha da seita muçulmana chiita contra seus opressores, os califas de Bagdá. Durou mais de 200 anos antes de ser exterminada. Sob a inspiração da Hassan ibn Sabah, o Velho da Montanha, os sectários entupiam-se de haxixe e atacavam o inimigo em comandos suicidas. Como a História é sempre escrita pelo vencedor, desenvolveu-se uma tese de que a palavra assassino derivaria de **haxixin** (comedor de haxixe). Os linguistas modernos tendem a deriva-la de **hassanin** (seguidores de Hassan, o Velho da Montanha).

Hoje, os inimigos da maconha sofisticaram seus argumentos. O uso prolongado da erva provocaria impotência, homossexualismo, loucura, além de induzir ao crime. Todas estas pesquisas, entretanto, basearam-se em experiências com animais ou voluntários humanos submetidos a doses de até cerca de 30 cigarros diários. Ora, a média dos consumidores raramente ultrapassa 2 ou 3. Assim, o resultado destas pesquisas merece tanto crédito quanto estudos sobre os efeitos do álcool a partir de indivíduos que consumam um litro de cachaça cada 24 horas.

A repressão começou apenas a partir da segunda metade do século passado. Ainda em 1840, existia em Paris o Clube dos Comedores de Haxixe, entre cujos sócios estavam intelectuais respeitáveis como Baudelaire, Alexandre Dumas e Theophile Gautier. Já em 1884, o governo inglês proibiu seu uso no Egito. É possivelmente a primeira lei contra a **Cannabis**, mesmo que nunca tenha sido cumprida. Em 1920 foi a vez da Grécia. Em 1933, da Turquia. E em 38 foi a vez do Brasil (em pleno Estado Novo) e dos Estados Unidos legislarem a respeito.

Os argumentos de dependência física e psicológica e os outros já citados acima jamais conseguiram ser provados cientificamente. Nem pela Comissão do Cânhamo Indiano instituída em 1893 pelo governo colonial britânico, nem pelas mais recentes comissões semelhantes, como as do Senado americano em 1967 e 1973. Apesar de absolvida pela maioria dos cientistas, a maconha continua proibida. Por quê? Aí é que entram os mais diversos interesses, desde o moralismo e a hipocrisia do sistema até o medo do desconhecido, passando pela oposição dos fabricantes de cigarros e bebidas alcóolicas.

No final dos anos 60, os **hippies**, o **rock** e o interesse pelo orientalismo divulgaram a plantinha pelos quatro cantos do mundo. Apenas nos Estados Unidos, estima-se que cerca de 40 milhões de pessoas já provaram a dita cuja, e destas, metade a consome regularmente. Na Jamaica, perto de 65% da população faz uso da **Ganja**. Em dezembro do ano passdo, uma pesquisa publicada no JB revelava que 10% dos estudantes da cidade de São Paulo confessaram já ter feito uso dela. E quantos deixaram de confessar? Durante as últimas eleições para a UNE, o Libelu reclamou que nenhuma plataforma dos concorrentes abordasse os dois assuntos que afligem mais de perto o universitário brasileiro: a legalização do aborto e da maconha.

O tema, já começou a sair das delegacias. No Japão e na Colômbia, ministros de estado chegaram a pedir a liberação, aliás no programa do Partido Radical italiano. Nos Estados Unidos, a revista especializada **High Times** é vendida livremente nas bancas. Na Jamaica, os cantores Bob Marley e Peter Tosh engajaram-se na mesma luta. Por outro lado, nos regimes marxistas vem acontecendo o contrário e o arrocho aumenta. Vide Cuba, Angola, Moçambique, URSS.

Em 1973, a cidade americana de Portland no Estado do Oregon foi escolhida para uma experiência inédita. Durante um ano, sem nenhuma divulgação, suspendeu-se a repressão aos maconheiros e observou-se o índice de criminalidade. Este não apenas não aumentou, como até caiu. Foi a partir deste resultado que em 1975, 11 estados (alguns importantes, como Nova York e Califórnia) descriminalizaram o uso da **Cannabis**, fato logo seguido por alguns países da Europa Ocidental (Suécia, Holanda, Dinamarca, etc).

O que vem a ser esta descriminalização? Bem, não é (ainda) a liberação total. O cultivo e o comércio continuam proibidos. Mas fica livre o consumo e o porte de até 100 gramas do produto, consideradas para "uso Pessoal". Permanece portanto ainda válido o veredito da Comissão do Cânhamo Indiano em 1894: "**totalmene contra a proibição, dado ao elevado número de usuários e pela falta de provas de que conduz à loucura, à imbecilidade ou à crimes violentos. A proibição da Ganja seria portanto uma interferência nas liberdades individuais**".

Agora, entre nós começa a articular-se nos meios estudantis e artísticos uma campanha para a descriminalização nos moldes americanos e europeus. Tende a crescer. Uma das acusações que certamente será feita contra esta campanha, é de que beneficiará apenas as classes altas enquanto o povo morre de fome, etc, etc... Conversa fiada.

Quem pesquisar as biografias de grande parte dos nossos detentos, verá que em geral, o negro, o pau-de-arara e o bóia-fria entram em cana pela primeira vez pelo porte de quantidades módicas da **Cannabis**. Na prisão é que fazem vestibular pra bandido. Descriminalizando a maconha e anistiando os condenados por porte e consumo, estaremos também libertando a polícia desta chanchada — para que ela possa realmente ter tempo de combater os ladrões e assaltantes. (**João Carlos Rodrigues**)

Deus nos livre do "boom gay"

MACHÕES ADEREM AOS SHOWS GAYS...

UMA INTEIRA, POR FAVOR!

Há dois anos, juntamente com o lançamento do número Zero de **Lampião**, circulou uma fofoca no Rio e em São Paulo de que uma agência internacional de notícias preparava uma grande reportagem sobre a vida homossexual no Brasil, concentrando-se no Rio como a "nova meca" dos gueis do mundo inteiro. Que eu saiba, tal matéria nunca saiu. Meses mais tarde, porém, apareceu na redação de **Lampião** um americano muito tímido, da Associated Press, que estava fazendo um "levantamento sobre os movimentos homossexuais que começavam a surgir", e tomou nosso jornal como ponto de partida. Mas, como todo americano, mesmo tímido e tranqüilo como o tal repórter, ele queria nos arrancar estatísticas, dados científicos, porcentagem da população homossexual, coisas que não estávamos preparados para fornecer. Mesmo assim a matéria foi feita e distribuída para todo o mundo pela AP: temos as provas; nos chegaram recortes até do Egito.

Nestes dois últimos anos quase não tivemos tempo de respirar, nós que fazemos o **Lampião**. Aconteceu de tudo, coisas boas e más — de perseguição policial a uma reação absolutamente entusiasmada de leitores de todo o Brasil. Sem querer, a gente se transformou para alguns entusiastas do jornal em espécies de gurus, de vacas sagradas, coisas que seriam as últimas que escolheríamos para ser: sagradas e, principalmente, vacas. Mas essa fase também passou e acho que a vencemos desfazendo todos os mal-entendidos que pintaram e tentando desmanchar o nó que deu na cuca de muita gente que passou a pensar que os lampiônicos era homossexuais profissionais, misóginos e sexistas.

Ao contrário de tudo isso, o que nós quisemos e queremos fazer com **Lampião** é reunir, na medida do possível, sob uma mesma bandeira, todos aqueles que não tiveram voz até agora e que sempre foram oprimidos pela sociedade ocidental. Foi para esses párias que **Lampião** surgiu e seus editores, como homossexuais, não podiam deixar de esclarecer sua posição dentro da luta geral e do quadro reivindicatório das várias minorias. Nem em **Lampião** nem em qualquer outro lugar pretendemos impor o nosso ponto de vista. Ao contrário, o jornal não só veiculou como defendeu todas as causas minoritárias cujos representantes, às vezes depois de muita indecisão, nos procuraram para expor. E não foi raro que essas criaturas tão discriminadas quanto nós não conseguissem esconder o espanto de encontrar pessoas que, afinal de contas, eram "normais".

Tudo isso é para pedir que não nos venham querer culpar agora por esse verdadeiro boo m gay **que está pintando nas paradas. Nada temos a ver com os "bissexuais" que todas as semanas vêm se confessar de público nas grandes revistas de circulação nacional sobre as técnicas que usam para atender na cama a seus cônjuges de ambos os sexos, nem publicaríamos declarações de cabeleireiros que claramente estão mentindo para atrair mais freguesas. Para nós, isso tudo "é coisa da CIA", como disse Glauber Rocha. Lampião não está inserido em nenhum projeto desse tipo, não pretende promover quem quer que seja, ou melhor, encontra-se exatamente na outra face da moeda.**

Para **Lampião**, o que interessa, são as manifestações marginais desse chamado **boom gay** e não o **bottomless** fabricado em Ipanema por bichinhas que nunca tiveram coragem de arriar as calças no Buraco da Maísa. Sim, nos interessa essa proliferação de espetáculos de travestis que está ocorrendo nc Rio. E nos interessa porque achamos ser esse fenômeno de grande importância para a conscientização da comunidade travesti , a mais marginalizada e alienada de quantas se possa imaginar entre os grupos estigmatizados. Ao conseguirem se organizar em grupos teatrais, os travestis estão vencendo antigos e profundos preconceitos que não lhes permitem aparecer na televisão ou gravar discos, como diz muito bem Eloína no excelente "Gay Girls".

No contexto da sociedade ocidental, o travesti é uma figura enigmática, para não dizer imprópria. No entanto, no Oriente, sabe-se que o travestismo é visto como um fato perfeitamente natural em muitas tribos e até em países inteiros. No teatro japonês e no indiano, os homens representam geralmente o papel de mulher. Então, por que não ter aqui atores representando papéis femininos, quando passamos por uma fase em que queremos ter o Oriente como a nossa matriz? Além do mais, a exposição diária na ribalta, a análise constante de uma platéia heteróclita em muito poderá ajudar o travesti a se entender.

"Lampião" é um jornal que se quer engraçado e alegre, mas ele também é sério em matérias fundamentais como o direito ao prazer e à alegria de viver. Ao encerrar-se março e com o início do nosso outono tropical sentimo-nos exaustos com as trabalheiras de "Lampião". Cada um de nós começou a fazer planos para um justo recesso, que afinal ninguém é de ferro. Para amenizar a nossa linha editorial pensamos em lançar um concurso entre nossos leitores para a escolha da "Bichinha do Lampião", tema que tem sido motivo de dúvidas cruéis constantes entre os editores. Bolamos também um outro concurso bem digerível e narcisístico, "O Boneco mais Bonito do Lampião", mas esse descobrimos logo que tinha as cartas marcadas, porque Darcy Penteado certamente ganharia.

Pessoalmente, cada um de nós começou a bolar logo algum tipo de mudança na sua rotina de vida. Aguinaldo Silva foi o mais audacioso: "Vou virar heterossexual", gritou ele de repente na redação, como se tivesse descoberto o ovo de Colombo, mas ninguém o levou a sério. Eu, na minha parte, comecei seriamente a pensar em ficar louco, pinel mesmo, por algum tempo. Mas iria eu agüentar uma barra tão pesada só na base dos psicotrópicos? E se eu fundasse o falanstério dos meus sonhos, com um grupo de amigos muito amados, para se falar sobre as coisas boas e más da vida, sem rancores e ressentimentos? Quanto sonho, quanta loucura! Logo veio a reunião de pauta e todos nos lembramos de que "abril é o mais cruel dos meses" e que havia muito trabalho pela frente.

Me propus analisar o **boom gay** para este número. Só quando me sentei na máquina é que comecei a pressentir que havia uma armadilha no meio do caminho. Na verdade há dois **booms gays**: o deles e o nosso; o da sociedade machista que usa os tais cabeleireiros bissexuais para exibi-los em seus salões como a corte portuguesa exibia os índios levados do Brasil, e as gafieiras de bichas onde mesmo as mais enrustidas sentem de repente que estão se assistindo nascer outra vez, totalmente livres, mesmo que seja por algumas horas. É a indústria da permissividade, isto é, de algo permitido, tolerado, e a descoberta da prática sem restrições do prazer, de um prazer que te afirma e te completa.

No lado positivo do **boom gay** quem se diverte, naturalmente, não é a chamada alta sociedade: esta está do outro lado da moeda. O Rio, aos sábados, tem agora uma quantidade regular de lugares para se escolher. A Gueifieira voltou a todo vapor. O Cabaré Bifão que começou triste é agora o lugar mais alegre da noite, e o mais ecumênico também; lá dança homem com homem, mulher com mulher a até homem com mulher. O Cabaré Casanova, depois de um período de crise voltou a ter a lotação esgotada quase todas as noites. No fim de março abriu uma nova casa para a comunidade gay, na Rua Voluntários da Pátria, no antigo Schnitt, e a Gafieira Elite do Botafogo vai inaugurar por estes dias.

E uma festa mesmo. Eros está solto, fazendo misérias, e a isso **Lampião** só pode aplaudir. Com Eros nos protegendo nunca teremos do que nos queixar em matéria de alegria e prazer. E como se isso não bastasse, há ainda a oportunidade de se ver no teatro o **show** "Gay Girls", com um desempenho admirável de Maria Leopoldina, artista que proponho desde já para o próximo Prêmio Molière de Melhor Atriz, embora a crítica da chamada grande imprensa não tenha se dignado a ir ver o espetáculo (da mesma forma que foi, para meter o pau, no inesquecível **show** de Ney Matogrosso). Essa crítica, como diz Hélio Fernandes, só ouve a voz do dono e só escreve o que ele manda. Por isso, Sr. Joseph Alfin, diretor da Air France no Brasil, peço-lhe que vá ver o espetáculo "Gay Girls" para comprovar o grande desempenho de Maria Leopoldina, uma atriz completa em todos os sentidos. Depois, na época oportuna, dê um puxão de orelhas nos seus críticos de coleira por não terem pelo menos indicado a atriz para o Molière.

E outro acontecimento na cidade no que diz respeito ao **boom gay** do lado positivo da moeda é a presença de Dercy Gonçalves outra vez entre nós. E com ela, senhores e senhoras, está trabalhando uma das criaturas mais delicadas e inteligentes que conheci ultimamente. Chama-se Vera Abelha, é paulista, linda, comovente como ser humano e ótima atriz. É um travesti. (**Francisco Bittencourt**)

Blanco, Michalski, Marinho: um Molière para Maria Leopoldina URGENTE!

Conheci Elpídio de Lima há dez anos atrás, tentando se firmar no Rio de Janeiro (ele é mineiro) como cabeleireiro e, com perdão da palavra, "ator transformista". Durante todo esse tempo,e em todos os lugares que trabalhou, Elpídio, ou melhor, Maria Leopoldina constituiu-se numa atração à parte devido o seu enorme talento e criatividade. Não creio que algum outro ator valorizasse tanto nosso texto como Leopoldina faz agora em "Gay Girls" o que pode ser conferido pelos aplausos demorados que recebe diariamente e pela opinião não só do pessoal aqui do Lampa como também por atores famosos como Marco Nanini, Iara Amaral, Miriam Persia, que a consideram um ator/atriz simplesmente sensacional. A gente aproveita e bate um papo com Elpídio/Leopoldina no camarim do Teatro Alaska onde se apresenta atualmente. **(José Fernando Bastos)**

LAMPIÃO — **Vamos começar falando do início de sua carreira, essas coisas...**

MARIA LEOPOLDINA — Eu sempre tive vontade de trabalhar, curtir um palco. Embora sabendo que o campo de trabalho para o travesti é muito pequeno não mudei meus planos e estou levando avante, com muita luta, o meu trabalho de ator travesti. E não pretendo parar.

L — **Rogéria me disse uma vez que o Guei dificilmente transa com travesti, quem gosta de travesti é o machão mesmo, aquele caretão que não se assume...**

ML — Eu discordo da Rogéria. Acima de tudo eu sou homossexual. Gosto de Guei. O Guei transa com travesti sim. Comigo mesmo nunca tive problemas.

L — **Você reclamam sempre que estão sendo exploradas, que ganham pouco, mas nesse show do Teatro Alaska, o produtor João Paulo Pinheiro paga a vocês bem mais que muitas atrizes recebem em teatro...**

ML — Acontece que quando eu me refiro que somos mal pagas é porque os nossos gastos são enormes. Aí o ordenado fica pequeno perto do que nós gastamos. Mas reconheço que nos pagam bem melhor do que em outros lugares.

L — **O público do Gay Girls é constituído em sua maioria de casais, muitos dos quais idosos. Isso significa uma grande abertura no mercado de trabalho para o travesti! E a televisão? A hora está chegando?**

ML — Claro que o travesti hoje em dia é muito mais aceito inclusive pela honestidade do nosso trabalho. E respeitamos o público, que cada vez nos aceita mais. Quanto a fazer televisão, quando dizem que nós chocamos o telespectador eu acho graça. Quem pode chocar são os homens que aparecem travestidos, como Os Trapalhões, Jo Soares e outros. O travesti, a bicha, ainda é vista por muita gente como um objeto de consumo, de deboche. Agora, a TV Globo eu faria de graça. Emilinha e Marlene ganhava pouquíssimo na Rádio Nacional, mas era um veículo que proporcionava às duas outras fontes de renda como **shows**, apresentações, etc... Quer dizer, a gente faturaria por outros meios.

L — **Se você fosse convidada a fazer uma novela que papel gostaria de interpretar?**

ML — O de Ana Preta. Adoraria fazer o papel de Ana Preta. Acho inclusive que foi feito pra mim. Tenho certeza que ainda vou fazer uma novela.

L — **Esses travestis que batalham na rua prejudicam o profissional?**

ML — Claro que prejudicam. O público associa e acha que nós profissionais somos do mesmo nível dos que vivem batalhando nas calçadas do Rio.

L — **Você já saiu com alguém por dinheiro? Já fez muito michê?**

ML — Nunca. Acredite quem quiser. Não posso viver só da minha arte, mas tenho outra profissão, cabeleireiro, que me sustenta.

Maria Leopoldina de Orleans e Bragança ao lado de Molière: duas pessoas irreverentes

L — **Quer dizer que o Elpídio cabeleireiro ganha mais que a Leopoldina?**

ML — Muito mais. Acontece que Leopoldina gasta muito e é o Elpídio quem paga. Tenho um dinheirinho guardado mas quem ganhou foi o Elpídio. Aliás, pra falar a verdade, é o Elpídio quem sustenta Maria Leopoldina. Maria Leopoldina sim, faz michê com o Elpídio. O dinheiro que Leopoldina ganha em **show**, eu não posso contar com esse dinheiro. Entra como extra. Vivo com o dinheiro que o Elpídio ganha como cabeleireiro.

L — **Você não já se sentiu ofendida com o que já lhe ofereceram para trabalhar?**

ML — Todas as vezes. É uma vergonha o que pagam ao travesti brasileiro. A única vez que me ofereceram um ordenado foi agora no Gay Girls.

L — **Mas quando você passou três anos trabalhando na boate Gaivota você ganhava bem...**

ML — Mas você disse bem, Zé, era uma boate. Eu tinha setenta por cento da porta e ainda pagava aos outros artistas. E quanto eles não faturavam? As mesas, as bebidas e os outros trinta por cento. Realmente eu ganhei bem. O **show** parou por causa do problema do aumento da gasolina.

L — **Muita gente acha que você deveria ganhar o Molière por esse seu trabalho no show Gay Girls. Você acha possível?**

ML — Claro que não, Zé. Embora eu faça uma coisa difícil. Você sabe que teatro de revista é bastante difícil. Meu sonho seria fazer uma comédia, uma coisa diferente. Eu não posso competir com Fernanda Montenegro, Dina Sfat. Você mesmo me disse que o JB, O Globo não podem colocar fotos de travesti e nem fazer crítica de show de travesti. Eu só não entendo poor que fizeram crítica do "Rio de Cabo a Rabo" que é teatro de revista também. Será que é porque nós não temos Djenane Machado? Mas somos atores acima de tudo. O Flávio Marinho, do Globo, veio ver o show, inclusive eu agradeço porque ele me elogiou muito no jornal, mas não fez ou não pôde fazer uma crítica construtiva do espetáculo. Eu sou sindicalizado como ator, mas se os críticos que votam nesses prêmios como o Molière, o Mambembe, não vêm assistir ao espetáculo, como é que podem votar num travesti? Não tivemos na platéia nem o Ian Michalski, nem Armindo Blanco. O próprio Flávio Marinho, do Globo, veio por conta própria e não a mando do jornal.

L — **Você é a estrela do Gay Girls?**

ML — Não. Não acredito que aqui tenha uma estrela. Posso ser a mais aplaudida, não a estrela. Pela primeira vez estou trabalhando com uma produção bem cuidada e pela primeira vez estou sendo dirigida, o que é ótimo.

L — **Mas o Chico Bittencourt, aqui do Lampa, vai indicar seu nome para o Molière...**

ML — Eu sei, ele me disse isso no teatro. Em princípio eu achei que fosse brincadeira do Chico, mas depois pensando bem, como eu já disse, acima de tudo sou um ator, estou trabalhando num espetáculo com casas lotadas para o público carioca, tenho sido bastante elogiada. E ao que me consta os prêmios são dados de acordo com o trabalho de cada um. E o público e vocês jornalistas consideram o meu um bom trabalho.

L — **Alguma personalidade já lhe fez um elogio que você tenha considerado gratificante?**

ML — Não é falsa modéstia não, Zé, mas muita gente. A Joana Fomm disse que no dia em que montasse uma peça me chamaria pra trabalhar. A Lia Farrel nesse show disse que puxou aplausos por ver que eu faço um verdadeiro trabalho de atriz. A Sônia Mamed, a Leci Brandão, o Emílio Santiago disseram coisas parecidas. Isso tudo nos conforta muito. Você mesmo me prometeu uma coisa que eu quero cobrar aqui nesse jornal maravilhoso. Há dois anos atrás você levou a Georgia Bengstom pra participar do show Poeira de Estrelas no João Caetano em benefício do Sindicato, indicando ela ao Otávio Augusto, na época o presidente. Este ano quero participar. Você me convidou, vai ter que cumprir. Pode avisar a Vanda Lacerda.

L — **Tá prometido. Voltando ao assunto prêmios. Muitos atores como Raul Cortes e outros que agora me falha a memória já ganharam prêmios importantes vivendo o papel de homossexuais no palco ou na tela...**

ML — Tá vendo? Por isso eu não entendo por que eu não posso ganhar. Será por causa da peruca e da maquiagem?

L — **Pra terminar, Leopoldina, você pensa em se operar? É contra essa operação do homem virar mulher?**

ML — Operar não. Pelo menos no momento eu não penso. Mas acho que todo mundo é dona da própria vida e do próprio destino, por isso não poderia nunca condenar essa operação em quem quer fazer.

Senhorita Gay

O elenco de "Gay Girls" promove no dia 7 de abril, às 21h30m, no Teatro Alaska, a eleição da Senhorita Gay. A vencedora será contratada para participar do espetáculo. Será apresentado um "show" diferente e um júri de personalidades (Elke, Leci Brandão, Sônia Mamede, Míriam Pérsia, etc.)

Gay Girls

(Musical de travestis)

Com Eloína, Maria Leopoldina, Ana Lupez, Theo Montenegro, Veruska, Fujika, Stella e os bailarinos Guillermo e Edson Farr.

De terça a quinta e domingo, 21h30m. Sextas e sábados, 22h.

Um Esquadrão da vida?

Os coleguinhas da **grande imprensa** costumam se referir, a qualquer pretexto, a uma coisa chamada "ética profissional". Mas diariamente, nas colunas dos jornais para os quais trabalham, dão provas de que esqueceram o real significado da expressão. Dois exemplos recentes: o primeiro é o caso do "Mão Branca", apresentado em manchetes diárias como uma espécie de relações públicas do Esquadrão da Morte. O engodo começa quando os jornais dão aos seus leitores a impressão de que o EM, ainda que de forma tortuosa, estaria praticando justiça ao matar bandidos. Primeiro, não existe um Esquadrão da Morte, mas vários bandos de facínoras, que trabalham sob a proteção de algumas empresas ou grupos delas para dar segurança aos seus carros de entregas, e que, armados e financiados, acabam indo além dessa função, envolvendo-se com traficantes de tóxicos, ladrões de automóveis, etc..

A estes matadores o que menos interessa é a justiça: eles matam por qualquer motivo — matam principalmente por dinheiro: foi um desses grupos que, contratado para isso, executou com extremos requintes de crueldade, ano passado, a diretora de patrimônio do Fluminense Futebol Clube (atenção, classe média apavorada: ela era uma cidadã, igualzinha a vocês...); ficou bem claro, no correr do inquérito, que ela foi assassinada por um desses grupos; mas a **grande imprensa** não tocou no assunto nem de leve.

No caso do "Mão Branca" . o que houve foi o seguinte: um jornalista, em dia de pouco assunto, inventou o personagem; e o seu jornal, temeroso de que um próximo aumento do seu preço resultasse numa queda de vendagem, adotou-o, levando-o às manchetes e conseguindo, em vez de uma queda de vendas, um aumento; ante o assunto extremamente vendável, os outros jornais trataram de encampar a figura do "Mão-Branca", igualmente adotado pelos matadores: hoje existem uns 40 "Mão Branca" telefonando a toda hora para os jornais, para as delegacias, para as emissoras de rádio etc., ampliando uma corrente doentia e sádica que começou numa redação.

O outro exemplo de como a **grande imprensa** liga pouco para o que chama de "ética profissional" tem a ver com a volta ao Brasil do jogador de futebol Roberto. Atacante obtuso, cuja popularidade foi fruto, principalmente, da amizade que o Almirante Heleno Nunes lhe dedicava, Roberto fez na Espanha o que se podia esperar dele fora dos limites de São Januário: absolutamente nada. Fracassou redondamente, a tal ponto que os espanhóis apressaram-se em devolvê-lo, como se fosse um bonde. Para evitar que Roberto voltasse ao país desvalorizado, criou-se (**forjar** seria a palavra certa) toda uma novela; ele, na verdade, estaria sendo disputado por Vasco e Flamengo, e até por hipotético clube inglês.

Tudo mentira: Roberto ia voltar mesmo era para o Vasco (com quem, tão desesperado que estava, assinou um contrato em branco), clube que tinha a obrigação de aceitar seu bonde de volta. Mas à **grande imprensa** coube transformar sua volta num acontecimento triunfal. Para isso, bastou que ela aceitasse, sem contestações, as bazófias de Márcio Braga, cuja megalomania galopante encontrou campo, mais uma vez, para se manifestar nesse episódio; e os boatos sobre o tal time inglês que "desejava Roberto a qualquer preço".

No caso do "Mão Branca", o mínimo que os jornalistas podiam exigir da polícia, cada vez que esta afirma que os mortos não identificados da Baixada são "bandidos", é que ela, primeiro, dissesse quem são os mortos, e segundo, que apresentasse a ficha criminal de cada um deles, provando que são realmente bandidos, e não que se baseasse, para fazer a acusação, apenas nas aparências dos "presuntos" — geralmente negros, desdentados, vestindo roupas que indicam uma situação de extrema pobreza. Talvez caiba à imprensa nanica dar um novo valor à expressão "ética profissional": vamos convocar as pessoas de boa vontade e criar um Esquadrão da Vida cujo objetivo seria denunciar o que realmente está acontecendo na Baixada Fluminense — um verdadeiro genocídio? O espaço está acabando, mas o assunto é da maior importância, e eu quero voltar a ele, com mais detalhes, no próximo número. **(Aguinaldo Silva)**

Congresso das Genis: esquerda joga bosta nas feministas

"A vanguarda brasileira é moralista mesmo. Trocou o convento pela célula polítiqa".

(Marilena Chauí, numa entrevista)

Foi muito instrutivo o II Congresso da Mulher Paulista, realizado nos dias 8 e 9 de março, com a presença de mais de três mil mulheres de todas as faixas sociais, vindas dos bairros, do centro, de cidades do interior de São Paulo e inclusive de outros Estados. Para se ter uma idéia de dimensão do evento, havia 600 crianças abrigadas em 12 creches e 1 berçário, com uma equipe para cuidar especialmente desse setor. Os subgrupos formados para discutir o temário em pauta ultrapassavam o número de 80 — só para o tema 'Sexualidade' havia mais de 23 subgrupos — com uma média de 15 a 25 mulheres em cada um. Como no primeiro congresso, os homens foram gentilmente colocados num grupo separado, apesar dos protestos de alguns que se consideraram "discriminados"; no segundo dia de trabalho, havia uns cem deles discutindo, sob coordenação de uma feminista que deixou as coisas bem claras, logo de saída: "Peço que vocês não nos apoiem; não precisamos de sua proteção. Queremos que vocês assumam seu papel como seres culturalmente repressores".

Aconteceram coisas tão reveladoras nesses dois dias de discussão, no TUCA e demais dependências da PUC, que o II Congresso parece ter se tornado um divisor de águas para as feministas e, creio, para outros grupos de política alternativa.

Cris Calix fotografou para LAMPIÃO um dos momentos mais quentes do Congresso das Mulheres na USP

CONGRESSO DE MULHERES OU CONGRESSO DA UNE?

Os conchavos e palavras-de-ordem campeavam como num Congresso da UNE. Parecia que estávamos todos a um passo do poder — o poder que o Figueiredo disse que abriu e nós acreditamos. Notava-se um clima de tensão já nas discussões em grupo. Havia tentativas visíveis de manipular os debates; certas mulheres premeditadamente tomavam a palavra e faziam inflamados discursos políticos, tomando tempo e esvaziando as discussões, numa manjadíssima tática de política estudantil. Eram os contingentes do PMDB atacando — acredite quem quiser! Tinham se infiltrado, organizadamente, nos subgrupos, para tentar encaminhar as posições tiradas pelo partido (ou apenas setores dele, que se identificavam sob enormes faixas e com um hino que pretendiam impor como o hino do Congresso). Às vezes, chegavam a ditar suas posições diretamente para as Coordenadoras, sem sequer debater com as demais mulheres do grupo.

O clima de competição foi explodir na tarde do segundo dia de trabalho; não tendo conseguido aprovar suas posições, esses grupos do PMDB (e o que todo o Congresso comentava era que se tratava do ressuscitado MR-8) tumultuaram de tal modo o plenário que conseguiram dissolver o Congresso, só encerrado alguns dias mais tarde, a nível apenas de Coordenadoria.

Depois disso, muita gente disse adeus à ingenuidade. Muita gente descobriu também seus inimigos disfarçados em aliados. Apesar da frustração generalizada no final do Congresso — com feministas chorando desanimadas — pode-se tirar dali muita matéria para reflexão sobre os descaminhos políticos da esquerda brasileira e nós, seus filhos bastardos. Pra começo de conversa, os problemas do Congresso não se restringiram a esses dois dias de realização; ali estávamos colhendo os frutos da estruturação adotada nos meses preparatórios (desde dezembro de 79). A Coordenadoria cresceu muito: de 9 entidades promotoras do congresso anterior, passou-se para 53 neste ano — inclusive nove sindicatos. De saída, isso já dá uma idéia do saco-de-gatos onde, evidentemente, os grupos feministas (uns 7 ou 8) se tornaram minoria e foram obrigados a abrir espaço para entidades que resultaram ser, freqüentemente, instrumentos de manipulação partidária. Com isso, o próprio tema inicialmente proposto ("Violência contra a mulher") foi escamoteado, porque segundo os grupos de esquerda patriarcal não existe violência contra a mulher; o que há é violência ditatorial contra homens e mulheres da classe operária.

Acabou-se caindo então na velha e falsa dicotomia: a mulher participante no movimento das mulheres (tema do primeiro dia) e a mulher participando da luta política (tema do segundo dia). Como se a luta das mulheres não fosse em si mesma uma importante luta política e, por isso, uma luta já integrada no conjunto das lutas de todos os oprimidos, sem falsas prioridades. Artificialmente dividido, o temário criou uma compartimentalização equivocada, na medida que essas formas de luta não se entrechocam; ao contrário, se complementam. Não há por que escalonar, priorizar, propor lutas à prestação, em ordem de "importânica".

Os fatos lamentáveis ocorridos no II Congresso vieram mostrar, em última análise, o risco de se deixar envolver numa Frente Ampla possível de ser utilizada como testa-de-ferro para que certos grupos veiculem e imponham suas idéias, veladamente. Como o movimento das mulheres pretende ser o mais aberto possível, ali estavam presentes boa parte das tendências políticas brasileiras de esquerda; e isso acabou permitindo, com toda ingenuidade, que o Congresso sofresse manipulação de grupos alheios e adversários da luta das mulheres. Para tanto, bastava que se enchessem ônibus nas favelas, com a promessa de um lanche, como de fato aconteceu.

Pretendendo ser ampla o suficiente para abranger um grande número de posições, essa Frente acabou também desgastando as energias num embate insolúvel entre diferenças de classe que são irrefutáveis, nas atuais circunstâncias. Vi uma mulher da periferia interromper a discussão do temário e explodir em lágrimas: "Não é só o Figueiredo e o Maluf que criam problemas para nós, mas vocês também (apontando para mulheres mais bem vestidas), que são ricas. Vocês pagam 100 cruzeiros por dia de faxina e só dão um cafezinho pra gente. E como mulher pobre não tem dinheiro, além do mais tem que agüentar marido bêbado e briguento. Não é como vocês que podem fazer a trouxa quando querem. Como a gente não tem dinheiro, não pode ir embora quando apanha do marido".

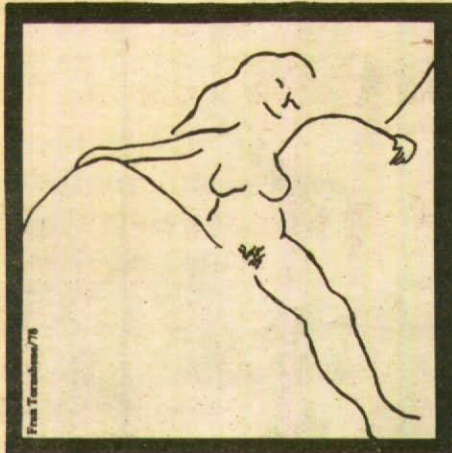
Assim, também, as discussões em torno do aborto foram ingratas e desgastantes, num embate entre católicos (apoiadas pela esquerda patriarcal) e feministas: assassinato de inocentes X direito da mulher ao seu corpo. As senhoras católicas da periferia ainda acham que aborto é manha de mulher rica. Aliás, foi constrangedor ouvir uma dona-de-casa gritando ao microfone, diante do plenário: "Estão quereno matar nossos filhos antes de nascerem". No que foi calorosamente aplaudida pela esquerda que sempre dava IBOPE altíssimo para qualquer pessoa que falasse português errado; é evidente que a platéia pequeno burguesa autodenominada "progressista" estava aplaudindo laivos bastante moralistas daquela "mulher do povo". Nesse contexto, pode-se imaginar como transcorreu a discussão sobre homossexualismo, que as lésbicas teimosamente fizeram aflorar em alguns grupos. Num desses, vi que uma senhora católica da periferia estava em estado de choque, balbuciando horrorizada sem conseguir sequer encarar as lésbicas: "Deus do Céu, vocês são ainda tão mocinhas e não pensam em outra coisa que não seja sexo".

BRIGA VELHA: ESQUERDA MAIOR CONTRA ESQUERDA MENOR

O que gerou a grande explosão foi o choque de duas posições antigas e consolidadas: luta maior X lutas específicas. Há um ano atrás, num concorrido debate da USP, onde compareceram negros, feministas e homossexuais, tivemos uma primeira demonstração pública e notória do autoritarismo centralizador de grande parte das esquerdas brasileiras, com suas posições nada dialéticas. Lá houve profissões de fé em favor da luta de classes e repúdio às lutas dos grupos discriminados.

Agora, neste Congresso, as coisas ficaram mais claras: setores da esquerda evoluíram para a manipulação organizada, chegando até mesmo à agressão física. Muitas feministas levaram porradas de verdade dos grupos ligados ao PMDB, que acabaram invadindo a Mesa de Trabalhos com uma tropa de choque composta por machões de ambos os sexos (os masculinos nem procuravam se esconder, porque afinal não se pode discriminar os homens). Aliás, a líder delas portava um megafone como quem carrega uma metralhadora (nostalgia romântica ou é pra gente se cuidar mesmo?).

E o que queriam, afinal, esses revolucionários de algibeira? Repudiavam a própria existência de um Congresso de mulheres porque não aceitam a legitimidade de um movimento de mulheres. Para eles existe sim o movimento contra a ditadura, visando obter as "liberdades democráticas" — naturalmente apenas as liberdades consideradas democráticas (oportunas) para eles. Portanto, nada de "divisões" provocadas por "lutas menores" como a das mulheres, dos negros ou homossexuais. Para formar uma grande frente contra a ditadura, o PMDB se propõe: como panacéia universal: as mulheres devem se filiar e lutar como **simples cidadãs** nos Departamentos femininos do PMDB e dos Sindicatos — onde o Partido pretende se apossar das diretorias, como já fez com o Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, cuja representante no II Congresso foi amplamente vaiada, aos gritos de "pelega". Trocando os nomes, parece que essa tese já foi aplicada em certos países. Na União Soviética, por exemplo, após mais de 60 anos de revolução, as temerosas feministas têm sido mandadas para as prisões (por vadiagem) ou manicômios (recuperação "ideológica").

E são as feministas brasileiras quem, depois de toda dedicação em mobilizar as mulheres, precisam abrir mão de suas propostas mais caras, sob pretexto de que constituem minoria. A verdade é que elas são tornadas minorias exatamente por não terem espaço para discutir o feminismo de maneira aberta e profunda, com as mulheres de outros setores. Lamentavelmente, as (poucas) feministas brasileiras sempre tiveram que baixar a cabeça e bater no peito, antes de pronunciarem esse palavrão para as esquerdas: "somos feministas". São acusadas do pecado de serem pequeno-burguesas que falam uma linguagem elitista e apresentam propostas pouco interessantes ao povo e à revolução. Esse critério populista (gerador de sentimentos de culpa) acaba sendo a força maior para se reprimirem as divergências, diferenças e especialidades — ainda mais gritantes numa sociedade de classes. Pretende-se, acho eu, passar um rolo compressor sobre as cabeças,

cujo grito em coro seve ser: "abaixo a ditadura".

O método de só permitir genéricas discussões num esquema de Frente amplíssima é o melhor jeito de criar condições para bem manipular, pois uns poucos eleitos acabam definindo as necessidades de todos. Assim, a famosa Ditadura da Maioria, que dizem ser privilégio das democracias burguesas, é também sobejamente utilizada pelas esquerdas deste país, quando lhes convém; por isso, um dos **slogans** desses grupos peemedebistas era "UNIDADE". Gritado ali no Congresso, o vaguíssimo termo "unidade" pretendia significar que "é politicamente incorreto encaminhar um movimento específico de mulheres, porque o problema não é de homens contra mulheres mas de ditadura contra povo".

Nesse sentido, não acho que foram apenas determinados grupos partidários que criaram problemas no Congresso. No fundo, as facções antifeministas ligadas ao grupo MR-8 apenas levaram às últimas conseqüências um preconceito generalizado entre os demais setores esquerdistas. Ali no Congresso, cansei de ouvir mulheres **de diversos níveis sociais** dizerem a mesma coisa: "não lutamos contra os homens, só queremos melhorar a situação, em aliança com eles." Às vezes, eram ainda mais incisivas, como nesta afirmação ouvida de uma Coordenadora de grupo, partidária de um movimento de mulheres autônomo: "não somos feministas porque o feminismo não tem força para modificar nada"; no mínimo, não deve ter tido qualquer discussão a esse respeito, com as feministas que estavam ali ao lado dela.

A baixa consciência sobre a mulher enquanto ser especificamente explorado (com ou sem ditaduras) era gritante no Congresso e na própria Coordenadoria que o tinha preparado. E no entanto, ali mesmo se via a mais eloqüente demonstração da existência de uma opressão específica à mulher: dizendo-se para a da mulher, o II Congresso estava sendo impedido por fora (tropas SS do PMDB) e por dentro (baixa consciência feminista de grande parte das participantes) de discutir sobre a MULHER EM SI. Notava-se ali um paradoxo: quanto mais cresce o movimento de mulheres, menos se discutem os problemas específicos da mulher — o I Congresso apresenta temário e conclusões muito mais avançados.

Acho que foi possível descobrir aí um dado muito importante: acatando as esquerdas machistas e evitando, em nome de uma luta supostamente prioritária, discussões mais claramente feministas com seus grupos de periferia, as mulheres feministas têm atuado contra si próprias e dificultado o avanço de um feminismo brasileiro. Talvez sofram de sentimento de culpa e façam análises apenas corriqueiras, nivelando por baixo para não provocar rupturas. É graças a esse motivo que, passados 5 anos de luta, os grupos feministas não conseguiram sequer deflagrar uma campanha pela legalização do aborto, neste 1980. Graças a esses mesmos argumentos é que também foram boicotados no II Congresso os problemas da mulher negra, da lésbica, das prostitutas, mães solteiras e prisioneiras. Como justificativa, diz-se que a classe operária não está preparada para tal discussão. Então devemos esperar que se mudem, de maneira espontânea, essas idéias que a Igreja Católica enfiou na cabeça das mulheres brasileiras das camadas proletarizadas, durante séculos de sermões e ameaças? Infelizmente, o prioritário para as esquerdas é aquilo que **suas direções** consideram importante, em nome de uma hipotética e longínqua revolução. Por exemplo a posição das revolucionárias do PMDB era evitar que se aprovasse uma campanha pela legalização do aborto, durante o II Congresso; evidentemente, para não abalar sua aliança (momentaneamente necessária) com a Igreja Católica.

Receio que, no meio desse carnaval de idéias, quem mais sofreu foi justamente as disputadas mulheres das classes proletárias, que saíram profundamente frustradas. Mais alheias às sutilezas da discussão, elas foram obrigadas a **assistir** às disputas entre as várias facções da pequena-burguesia que, sintomaticamente, juravam lutar em nome e a favor da classe operária. Por todos os lados, ouvi as senhoras da periferia reclamarem que não voltariam mais. E um bom número delas realmente se retirou antes de terminar o Congresso. Ficou patente que ali lhes faltava espaço. Uma faxineira, mãe de muitos filhos, reclamava: "Parece que neste Congresso só tem profissão quem é metalúrgico ou professora. No meu grupo, eu queria falar mas não podia. Tinha sempre uma metalúrgica falando sem parar." Ao contrário do que muitas esquerdas pensam, nossas contradições não se esgotam na promessa de que "a classe operária vai ao paraíso", com este ou aquele sistema; de repente, os oprimidos também oprimem — e tem sempre alguém, mais abaixo.

E O MACHISMO, SENHORAS, COMO VAI?

Enquanto o tumulto se apossava do plenário, no domingo à tarde, uma senhora da periferia tinha sido levada ao microfone para, com seu exótico carisma de "mulher do povo", tentar acalmar os ânimos; ela gritava em vão, quase aos prantos: "Mais respeito, em nome de Deus; vamos nos reunir sem ódio. Eu tenho 64 anos. E sei que mulher é uma coisa preciosa. Estou estranhando essas mulheres todas se desentendendo."

Mas não era de estranhar o espetáculo deprimente das agressões físicas. Isso mostrava como a práxis política instaurada no Congresso girava mais em torno das disputas pelo poder do que em cima de discussões realmente feministas sobre as mazelas do poder patriarcal/machista de todas as cores políticas. Era sobejamente visível ali no II Congresso da Mulher o impressionante grau de machismo que grassava deslavadamente na disputa de lideranças, nos conchavos, na postura demagógica e nas agressões físicas. Os personagens tinham mudado de sexo, mas a maneira de atuar politicamente era a mesma de todos os machões esquerdistas. E isso é mais uma evidência de que a discussão feminista ainda está muito atrasada neste país. Se no II Congresso não se viu uma real ruptura de padrões de fazer política, é de se desejar que isso ocorra daqui por diante.

O feminismo tem uma contribuição realmente original a oferecer à nossa práxis política de oposição, ajudando a repensar o conceito de poder em cima do qual as esquerdas patriarcais se estruturam. Acredito que o debate feminista encaminhará um real pluralismo democrático que dê garantias às diferenças individuais e abra espaço ao pensamento heterodoxo, desviante. Sei que se trata de um programa complexo. Mas o exercício pluralista é realmente uma prática de corda bamba, na busca de um equilíbrio nunca fácil. Transformado em desvio ideológico por militantes da esquerda autoritária, o feminismo é perigoso justamente porque pode contestar a práxis política centralista, baseada em manuais de dogmas políticos e na atitude machista de disputa do poder, sem contestar o poder em si. Acredito na capacidade questionadora do feminismo.

Por isso mesmo, o II Congresso mostrou que não dá mais pra tapar o sol com a peneira. A luta dos grupos considerados minoritários, politicamente inexpressivos e, daí, marginalizados é **uma briga a ser comprada**, em nome de uma discussão política fora dos padrões permitidos (e vigiados) pelos fascistas de direita e de esquerda. Em resumo: uma política alternativa, menos comprometida com a mera **conquista do poder** e mais com uma **crítica acerba ao poder.**

Ou praticamos uma nova política ou o futuro estará condenado a um socialismo tão amargo quanto o capitalismo dos nossos dias. E quem participou do II Congresso pôde vislumbrar esse novo terror policialesco. Sem dúvida, antes de mais nada será nossa própria vida quotidiana que deverá entrar no vertiginoso processo de contestação, porque o pior do nosso fascismo não está presente nas teorias que professamos, mas essencialmente em **cada gesto** de nossas vidas, no nosso dia-a-dia — em nossa maneira de freqüentar a cozinha (nossa permanente necessidade de criadas), nosso ciúme, nossas pequenas defesas desonestas, nosso consumismo anti-ecológico e depredatório, nossas formas mentais, nossa incansável busca do Líder, do Messias, do Herói, da Verdade, do Dogma.

Se teve lances amargos, foi por isso mesmo que o Congresso acabou sendo um marco importante para as mulheres. As feministas, negras, lésbicas (e eu incluiria as bichas) ali presentes puderam sedimentar uma idéia que germinava com alguma timidez: nossas lutas são autônomas e serão empreendidas em paridade, sem abrir mão daquilo que NÓS achamos que é BOM PRA NÓS e sem subserviências a uma suposta luta maior, prioritária. Nós proclamamos o que parece prioritário para NÓS. Graças a esse Congresso também já podemos ter uma prévia do que nos espera: fatalmente, o Sistema **estará tentando cada vez mais recuperar** (ou digerir ou absorver) essas nossas formas alternativas de práxis política, para seu próprio usufruto. E Sistema é tudo o que foi institucionalizado, seja à Direita ou à Esquerda — porque a esquerda já está gozando de sua parcela de poder, dentro das estruturas atuais.

À medida que dermos mais IBOPE, nós feministas, negros e homossexuais seremos cada vez mais disputados pelos Partidos organizados — porque trazemos promessas de rendimento político razoável. Tendemos a ser os novos filés ideológicos que serão devorados pelos oportunistas de todas as cores. Dizer-se feminista e anti-racista já está se incorporando às cartilhas do bom-mocismo nacional, sem maiores problemas. Talvez não demore tanto assim para que se torne chique transar com gente do mesmo sexo. É urgente que os setores hoje discriminados politicamente pelas esquerdas compreendamos a vantagem que essa marginalização nos traz. E passemos a elaborar, sem meias medidas, uma política alternativa — uma política à margem, de crítica aos autoritarismo e manuais, contrária ao poder, antidogmático e fundamentalmente baseada no direito à diversidade. O encontro entre os vários oprimidos é urgente, para se discutir inclusive as formas de opressão **entre nós mesmos:** bichas que odeiam mulheres que não suportam negras que têm pavor de índio, etc. Porque não existe o oprimido que não oprima, porque carrasco e vítima se revezam dentro de nós, porque não podemos mais acreditar que o mundo está dividido em mocinhos e bandidos. Porque temos que garantir nossa capacidade de contestar — à margem do Sistema.

LIBERDADES DEMOCRÁTICAS, OU MELHOR, DEMOCRACIA ÀS PORRADAS

Acho que entre nós e os setores patriarcais da esquerda parece ter se declarado uma guerra. Nenhum pretexto será suficientemente forte para nos levar a fazer alianças com essas esquerdas e ajudá-las a tomar o poder — contra nós. A verdade é que elas não contestam muita coisa e, portanto, nada mudarão. Querem apenas o trono, numa troca de reis. E são herdeiras da ditadura e do terrorismo fascistas que não admite contestações. Aliás, esses grupos eram os que mais gritavam a favor das "liberdades democráticas", dentro do Congresso; o que me leva a crer que pretendem conquistar e impor a "democracia" às porradas, ou seja, praticando a mesma proposta de "democracia a qualquer custo", apregoada pelo Augustíssimo Figueiredo. Não me surpreendo, pois é sabido como, para numerosos grupos autodenominados de esquerda, democracia é sinônimo de coletivização de idéias: o ideal é todos pensando a mesma coisa.

Sensíveis a essas tomadas de posição, as Coordenadoras do II Congresso se reuniram alguns dias mais tarde, para tirar as bandeiras de luta. Por decisão da maioria, ficou estabelecido que seriam expulsas as as representações que criaram o tumulto e — coisa que eu não sabia — lançaram um documento de repúdio ao II Congresso da Mulher Paulista (com assinatura de entidades como o DCE da USP e Departamento Feminino do PMDB). Caso mantenham essas mesmas representações, tais entidades serão elas próprias convidadas a deixar a Coordenadoria do Congresso. Consolidando uma proposta de autonomia do movimento, as mulheres aí presentes resolveram inclusive admitir as negras do Movimento Negro Unificado, a nível de Coordenadoria, o que é marcante, por já as lésbicas do Grupo Somos tinham sido admitidas. De modo que o feminismo brasileiro parece começar a adquirir sua maioridade enquanto forma alternativa de fazer política no Brasil. E isso só pode alegrar aqueles todos que somos considerados lixo político. Enquanto os adversários do Congresso gritavam com segundas intenções "o povo unido jamais será vencido", pude ouvir uma feminista contrapondo aos berros, no microfone: "MULHERES UNIDAS JAMAIS SERÃO VENCIDAS". Ao que uma feminista do grupo "Soviets de Além-Túmulo", dedicada em badernar a chatice de nossos palavrórios políticos, se apressou em corrigir para: "XOXOTAS UNIDAS JAMAIS SERÃO VENCIDAS". (**João Silvério Trevisan**)

PS: Veio bem a calhar que esse Congresso ocorresse antes do Encontro Homossexual de abril. A experiência certamente foi proveitosa para as muitas lésbicas e bichas que participaram dos debates e viveram o impasse do II Congresso. Para várias delas, tratou-se de um batismo de fogo enquanto homossexuais organizados. Para as lésbicas, acho que o diálogo foi difícil (até as fotos do seu painel "AMOR ENTRE MULHERES" foram retiradas); mas também houve o saldo positivo: puderam medir melhor a solidariedade de que dispõem junto a certos grupos feministas, que pela primeira vez resolveram comprar sua briga, no Brasil; esse Congresso parece ter marcado o encontro ainda tímido mas definitivo entre feministas homossexuais e heterossexuais. Para as bichas, acho que esses dois dias deram uma idéia clara de como temos muito a ver com as idéias feministas enquanto instrumento de análise e práxis de oposição. Aliás, os jornais noticiaram que foi o grupo dos homens que, paradoxalmente, apresentou as conclusões mais avançadas de todo o Congresso. Mas não há nenhum paradoxo nesse fato. Na verdade, os jornais deixaram de noticiar que as conclusões do grupo dos homens se deveram à presença de numerosas bichas feministas que viraram a mesa dos atônitos machões, discutiram com garra e coerência, rodaram a baiana várias vezes e demonstraram que não são assim tão inexperientes politicamente. Sem dúvida, sua perspicácia crítica brilhou ali em meio à mediocridade da esquerda machista, cuja análise continua vários anos atrás — e que o diga a meninada da UNE, com posições diametralmente opostas às nossas. Confesso que foi bonito e empolgante. Em abril teremos mais. Nossa consciência dando flores. (JST)

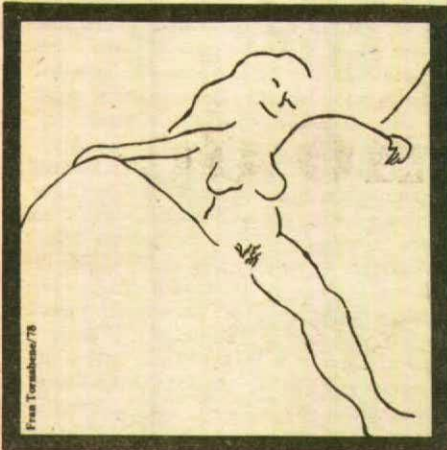
Não sou mais aquela

Mais de três mil mulheres reunidas no TUCA, em São Paulo, discutiram durante dois dias sua própria condição. Sem dúvida, algo importante, inusitado. Um visual bonito, cuja beleza só foi rompida pelos empurrões, cotoveladas e tapas que de repente tomaram conta do plenário, no último dia do II Congresso da Mulher Paulista. Não foi possível terminar a reunião, as conclusões ficaram no ar.

Simplesmente nos retiramos, dado o adiantado da hora. Com uma profunda sensação de frustração.

Uns acentuam o significado positivo de um congresso dessa amplitude. Dizem que a unidade é fundamental para derrubar as forças inimigas. Parece haver um otimismo atávico nos militantes. Algo com que se nutrem, Tudo Bem, mas o que ficou provado nesse congresso é que essa unidade pode ser facilmente desfeita, porque ainda não tem bases muito sólidas. Claro, é fantástico poder reunir tanta mulher para falarmos de nós mesmas. Mas será que foi isso mesmo que aconteceu? A interferência de grupos externos (organizações e partidos políticos) foi a causa de todo o tumulto. É quase impossível convencer os militantes desses grupos, da imperiosa necessidade de autonomia do movimento de mulheres. Eles estarão sempre ali, obstinados, tentanto conquistar espaço, falando fora de hora. Quanto mais crescer o movimento de mulheres, mais correrá o risco de infiltrações. O jeito é nos defendermos. Isso significa conter a invasão, impedi-la. O único meio é que haja uma força vinda do próprio movimento de mulheres que, pela sua abrangência e atualidade, se sobreponha às outras. Mas esse movimento parece mais preocupado com a unidade — formal — do que com o conteúdo em torno do qual se unem as mulheres.

Acho que a questão sexual permeia igualmente toda a sociedade, independente de raça, ou classe social. Mas se manifesta de forma diferente para cada um de nós. Daí a sensação de frustração. Para quem aquele congresso acrescentou alguma coisa? Algumas mulheres que vivem na periferia de São Paulo discustiram entusiasmadas, gostaram. Não dá para deixar de considerar, inclusive, que para muitas delas o congresso foi uma oportunidade de sair de casa, um passeio, embora isso possa parecer politicamente irrelevante. Mas não é, elas passearam, discutiram sobre seus problemas e saíram horrorizadas com a quase pancadaria. Suponho que tenha sido uma experiência rica para elas, uma coisa nova.

Para mim, o que esse congresso ensinou? Sou militante feminista há pelo menos 4 anos e desde então, quase nada mudou, na prática. Se o temário do congresso era avançado, sua discussão foi uma regressão. Pontos que fazem parte do programa de vários grupos feministas, como a luta pela legalização do aborto, a questão da sexualidade, simplesmente foram jogados para segundo plano. Impossível aprofundar aquele temário com uma composição de participantes tão heterogênea. Cada tem uma relação com seu próprio corpo, com o sexo masculino, com seu trabalho e com a vida. Principalmente porque para muitas aquilo era primeira vez. Mas para mim, que estou no movimento de mulheres desde

1976, e conheço essa conversa, como é que fica?

A questão é complicada, mas não quero me furtar a enfrentá-la. A situação da mulher no Brasil é abominável, ela é discriminada no trabalho, pelo marido, pai, filho, irmão, etc. Quanto mais pobre ela for, pior; se for negra ou homossexual a barra pesa ainda mais. Isso tem que mudar e eu quero fazer alguma coisa para que mude. Só que o meu grau de exigência é diferente da maioria das mulheres que participaram do congresso, assim como é igual ao de muitas outras. Sou letrada e vivo com conforto material. Minhas angústias partem desse ponto. Se eu reconheço que a imensa maioria das mulheres brasileiras vive muito pior que eu, se a miséria me desconcerta, me revolta, eu tampouco posso negar que tenho minhas inquietudes, seguramente diferentes da angústia de quem passa fome e é analfabeto. Nem por isso menos verdadeiras. No fundo, é o grande grilo de você viver no pólo mais moderno de um país miserável. Dá culpabilidade. O resultado é que a gente acaba deixando de falar do que nos interessa, em nome do que é mais premente para quem é mais oprimido. Isso é redenção. Um horror. Política vira religião, sacrifício. Não posso basear minha militância na redenção, nem fazer da militância minha redenção. Nada mais castrador. Dessa forma a militância não responde às minhas inquietudes, não me ensina como ter o gozo da vida e da morte.

Ninguém tem que se redimir de coisa alguma. Eu não quero renunciar a nada, quero tudo.

Se eu milito num grupo feminista eu tenho que ter espaço para brigar pela legalização do aborto, da maconha, pela difusão de métodos anticoncepcionais, etc., enfim para aprofundar o que está aí e me diz respeito diretamente. Por isso, é melhor começarmos com 10, 20 ou 50 e essas poucas conseguirmos uma unidade real que permita, por exemplo, levar adiante uma campanha efetiva pela legalização do aborto, do que sermos 3.500 em 2 dias.

Aí, então, a militância feminista pode ter um sentido libertador para mim e para quem assim o sentir. Só assim, inclusive, ela ganha forças, impedindo a interferência externa, porque ela vai ser uma luta real e não apenas de princípios; uma rebelião contra a reprodução do comportamento masculino brutal que se deu no último dia do congresso — enfim, uma revolta contra o império da ordem fálica, que me obriga a ser masculina, agressiva e viril se eu quiser me impor em qualquer nível, se eu quiser ser escutada, simplesmente porque nessa ordem é esse modelo bem sucedido e eu não tenho outros parâmetros.

Espero que a próxima geração de feministas não precise reproduzir o modelo opressor, vivê-lo até o fim, para conseguir dar a volta por cima. A maior brutalidade é perceber que para descobrir minha feminilidade livre, eu tenha que passar por uma mulher fálica, dominadora, autoritária em luta pelo poder, para depois me dar conta que essa é uma luta vã, que me deserotiza, enfim, a reprodução daquilo que precisamente eu quero combater. (Cynthia Sarti)

O apoio das bichas

Nós, de grupos homossexuais organizados (SOMOS/SP, libertos/GUARULHOS, EROS/SP) apoiamos a realização do II congresso da mulher paulista, dada a importância do avanço da luta específica das mulheres a discriminação sexual, contra a dupla jornada de trabalho, por equiparação salarial e melhores salários, por creches, pelo direito do aborto gratuito e direito à utilização do próprio corpo.

Ao mesmo tempo, REPUDIAMOS a interferência dos partidos políticos neste Congresso, que tentaram o tempo todo esvaziar o conteúdo da luta específica das mulheres, escamoteando a discussão de temas como: o machismo como forma de repressão à mulher, a questão das lésbicas, das negras, das prostitutas, das presas comuns, a necessidade da legalização do aborto e a sexualidade feminina de um modo geral.

Aproveitando, convidamos as entidades feministas a participarem do I ENCONTRO BRASILEIRO DE HOMOSSEXUAIS, que realizar-se-á no dia 6 de abril. O local ainda não está definido, devido à discriminação a que estamos sujeitos, impedindo várias organizações de nos cederem um espaço físico.

Ass. Grupo SOMOS, São Paulo, Grupo LIBERTOS, Guarulhos, Grupo Eros, São Paulo. São Paulo, 9 de março de 1980.

Várias mulheres do Grupo de Atuação Feminista num dos debates do Congresso

Contra o autoritarismo

Nós, grupos feministas que estamos participando do IIº Congresso da Mulher Paulista, refletimos sobre nossa atuação e sobre os conflitos que ocorreram no Congresso, e queremos propor às companheiras da Coordenação as seguintes questões:

Ficou evidente, desde o início da organização do Congresso, que existem três grandes tendências com relação ao movimento de mulheres:

A primeira considera que as mulheres do povo brasileiro viveu problemas específicos e por isso devem se organizar numa luta independente dos partidos e dos sindicatos, construindo um movimento amplo, de massas, onde todas as mulheres, em divisão por partido, cor ou religião, possam buscar soluções para problemas comuns: a repressão e a violência sexual, as condições em que é feito o aborto, as desigualdades no trabalho, na família e na sociedade como um todo.

Esta posição, que é a nossa, reconhece que estes problemas são vividos diferentemente pelas mulheres das diferentes classes sociais, raças s situações profissionais. Acreditamos também que além da atuação no movimento de mulheres é fundamental nossa participação nas entidades de classe, nos sindicatos e nos partidos, contribuindo no processo de transformação de toda sociedade.

Uma segunda tendência defende que as mulheres devem participar principalmente nos movimentos sociais gerais — nas lutas do povo por água, esgoto, saúde, eleições diretas, constituintes, etc. O movimento de mulheres seria então um canal para a participação das mulheres.

Finalmente, uma terceira tendência pretende negar às mulheres seu direito de organizar-se e expressar-se num movimento independente, desconhece que a luta política não se limita aos programas partidários em busca do poder, mas que as diferentes situações de opressão vividas pelo conjunto da sociedade — na família, no condiano, no trabalho, na política — exigem de nós uma participação e organização em torno dos nossos problemas.

Acreditamos na possibilidade de unificar as duas primeiras tendências, num movimento que inclua tanto aquelas mulheres que se organizam, principalmente, em função da melhoria de suas condições de vida, quanto as que escolheram como bandeira de luta sua opressão específica de mulher — **sem separá-la** — repetimos, do processo de transformação da sociedade.

Repudimos, no entanto, o comportamento indigno e os métodos autoritários usados pelas representantes daquela tendência que quer destruir o movimento de mulheres, construído ao longo de silenciosos anos de trabalho.

Embora a herança de todas nós seja a de uma prática política autoritária, alimentada pelos 16 anos de ditadura que vivemos, queremos afirmar que nossa luta é antiautoritária por excelência, dando espaço para que todas as mulheres coloquem seus problemas da forma e na medida em que são vividos por elas. Organizamos o 1º Congresso da Mulher Paulista. Organizamos o IIº Congresso da Mulher Paulista. Nossa disposição continua a mesma: construir um movimento unificado de mulheres.

Menino do Rio, pra que te quero?

Em matéria de Menino do Rio não é só a Maria Caetana que está bem servida — nós também; temos vários, todos louquinhos pra aparecer em nossas páginas através da objetiva — muito objetiva, aliás — de Dimitri Ribeiro. O desse número pode ser encontrado, todas as tardes, em frente ao Ipanema Sol, praticando **botton-less;** ou, quando não dá preguiça, na Faculdade onde cursa Ciências Sociais (Qual é a Faculdade? Não, isso a gente não está autorizado a dizer...). Ou nas sessões mais quentes do Cine Maridien, onde vai rir das piadas de uma certa senhora chamada Lady Francisco. Ou em alguma cama ornada com perfumados lençóis, onde deitam petrodólares, sim, mas **never, never** um sheik árabe.

Bixórdia

Bichas de QI alto querem doar sêmen

Rafaela Mambaba se autoproclamou representante no Brasil para assuntos do Banco de Semen (aquele criado nos Estados Unidos com o objetivo de — através da coleta de esperma dos ganhadores do Prêmio Nobel — gerar crianças super-inteligentes); e, certa de que os diretores do banco a aceitarão como tal, já saiu à cata de doadores, apenas com um detalhe: subversiva como é, decidiu que, nessa histórias de produzir bebês inteligentérrimos, as bichas de semen refinado também devem ter vez. A Mambaba já organizou uma lista completa de ganhadores do Salão Nacional de Belas Artes e do Prêmio Walmap de Literatura, de carnavalescos das escolas do I Grupo e de cabeleireiros premiados na International Coiffure, e vai assediá-los em busca do líquido seminal. Mambaba também pretende inovar na colheita: os doadores não se trancarão num quarto escuro, de vidrinho na mão, como fazem nos Estados Unidos: aqui, bichinhas enfermeiras de mãos agéis se encarregarão do serviço. Na redação do Lampião, onde todos têm QI altíssimo, a lista da Mambaba engrossou bastante: vamos todos cooperar, mandando nossos saltitantes espermatozóides para a matriz norte-americana. Quem sabe dessa história toda não acaba saindo um Lampião em inglês? É só o que nos falta para que a **intelligentzia** brasileira nos adote definitivamente como sua Bíblia invertida...

* *

• Durante esse incrível Congresso das Mulheres, as lésbicas andaram numa atividade feérica... Tiveram até que se defender do esquadrão da morte que o PMDB mandou pra lá. Mas também ouviram coisas muito interessantes. Uma delas, que estava ajudando a cuidar da creche, foi certamente considerada uma honesta mãe-de-família ao passar por dois machões que comentavam o Congresso. Por acaso, falavam justamente da participação das sapatonas. Um deles estava apavorado. O outro, revoltado, dizia que o Congresso deveria pelo menos ter providenciado banheiros separados para as lésbicas, "pra não botar em risco as nossas mulheres"... Ouvindo essa contundente prova de virilidade, o Flávio Gikovate certamente teria um orgasmo imediato; afinal é possível encontrar homens de verdade, diria ele suspirando. Mas cá entre nós, por que os machões temem tanto as lésbicas? Seria medo de perderem a corrida, porque lésbica **sabe de fato** como transar com mulher? Sabem o que respondeu a escabrosa Mambaba? "Homem assim é igual Don Juan: precisa de uma xoxota no próprio pau, para evitar a tentação de um pau no próprio cu". Ao que sua desbocadíssima amiga Eva Atoa adicionou um ditado antigo: "Medo de água é sinal de sede, minha filha."

• Apesar de profunda e antriga estima pessoal existente entre alguns lampiônicos e os diretores do Pasquim **temos, em relação à sua atual linha editorial, divergências acentuadas: para citar uma dessas diferenças básicas, é só lembrar o machismo difuso _ dito de esquerda _ que é hoje ponto de honra dos seus editores e articulistas. Em várias outras coisas também não concordamos, mas num ponto nosso encontro é total: apreender jornais, processar jornalistas, tentar calar qualquer tipo de oposição _ mesmo quando politicamente ultrapassada _ é prática repulsiva, tão velha quanto o medo de alguns homens do poder em ler a verdade _ ou parte dela. Não é possível calar passivamente _ infelizmente a posição em que os pasquinianos preferem nos ver, para sossego de suas consciências de "machos" bem postos na vida _ ante a apreensão do número 559 do jornal, sob alegações nebulosas, como a exibição de partes pudendas de homens e mulheres, além de uma charge muito do sem-graça sobe o primeiro aniversário da Abertura e do governo Figueiredo. Será essa a Abertura pela qual batalhou o Dr. Petrônio Portela? As bichas do** Lampião **se solidarizam com a macharia (?) do** Pasquim **nesse episódio confuso _ é lamentável. (Antônio Chrysóstomo).**

• Apesar de tudo (vide nota sobre a apreensão do Pasquim), a pequena imprensa se avoluma. Já está no nº 2, em algumas bancas, o nanico **Direto**, que trata independentemente dos problemas do verdadeiro Rio — marginalizado — de Madureira pra lá. O editor Stenka do Amaral, é experimentado batalhador das lides jornalísticas. O nível de interesse pode ser medido, por exemplo, na matéria "Cidade de Deus, Adeus", assinada por Elpídio Morgado. Vale a pena uma lida, nem que seja para saber o que há de vivo e atuante na imprensa carioca.

• Num dos últimos números de "Veja" o crítico Luiz Carlos Maciel faz uma análise bastante ácida da peça "À Direita do Presidente". Quem conhece Maciel sabe que ele tem um temperamento llano (!), que não faz o gênero crítico de maus bofes. A resposta talvez esteja no final da análise: Maciel conta que na saída duas velhinhas comentam a possibilidade de Gracindo Júnior ser gay. "Mas ele não é", escreve Maciel no maior mau humor. O que se depreende de tanta certeza e bílis é que o crítico deu uma cantada no artista e foi repudiado.

• Bonecas lampiônicas estão desaconselhadas a frequentar os quatro hotéis do lado par da Gomes Freire até que seus donos abaixem os preços (Cr$ 500,00 por casal para ficar a noite toda) e dedetizem os quartos para matar os chatos e pulgas. Alô, alô SUNAB! Alô, alô Saúde Pública! Como ninguém é de ferro, a onda é ir só na rua da Lapa, na Moraes e Vale ou 20 de Abril; vale tudo até a Senador Pompeu. A Gomes Freire já era até segunda ordem.

• Atenção, bichas de Sãp Paulo que fazem pegação na região da Av. Paulista: tem um lanterninha bonitinho no cine Bristol (Center 3) que anda achacando gente desprevenida, no banheiro. Ele fica espiando, até pegar um flagrante. Aí começa um papo de malandro, ameaçando fazer escândalo, levar pra gerência e pra delegacia. Até receber dinheiro (e ele reclama quando recebe pouco). Não se impressionem: é só falar mais alto, rodar a baiana e mandar ele espionar os casais hetero que se amassam na sala, sem se preocupar com olheiros extorquidores. Como o negócio dele é respeitar a lei, ele já sabe que extorsão é crime e pode dar cadeia. Um lampiônico lhe disse isso aos berros e ele saiu com o rabo entre as pernas . Aliás, a mesma coisa andou acontecendo no cine Paissandu e as bichas andaram correndo atrás do lanterninha. Se eles querem aumentar seu salário, é melhor que lutem em seus sindicatos, não é mesmo? A gente dá força pra eles, claro! Mas de repressão, chega a polícia.

Recado a todos os machões atualmente preocupados em liberar o seu "lado mulher": só há um jeito, bonecos: é botar uma peruquinha e um sapato alto e ir batalhar uns michês na Vieira Souto.

Nossos comerciais, por favor

Domingo para mim, quando posso, é dia de pé de cachimbo, quer dizer de papo pro ar, alguns discos na vitrola, um ou outro programa de TV. Foi num domingo, dia 9 de março, que essa tão rara quanto bendita disponibilidade fez com que assistisse, pela TV-S (Sílvio Santos) um programa que, há muitos anos, deu bons IBOPEs mas, hoje, parece definitivamente enterrado, apesar dessa tentativa de exumação dominical. Trata-se de "O Homem do Sapato Branco" _ uma aberração em que são apresentados anormais de todos os tipos, aleijões monstruosos; senhores engravatados e senhoras emperucadas a deitarem falatório pseudo-moralista, etc. (e bota etc. nesse mini-circo de horrores).

Duvido que os leitores do LAMPIÃO assistam essa coisa; por isso, lá vai uma rápida descrição do clima geral: à frente da câmara, um homem chamado Jacinto Figueira, de terno verde e sapatos brancos, faz caras e bocas de gente séria; ao fundo, entrevistados e aleijões em geral são mostrados de encontro a uma parede, à maneira dos rituais policiais de identificação de criminosos. Pois bem: no domingo em que eu passeava preguiçosamente pelos canais à procura de algo assistível, pevei um susto que (quase) me estragou o dia. O "debate" era sobre homossexualismo e liberação guei.

Pena que só vi do meio para o fim, não podendo anotar os nomes dos presentes. Porém o que vi já deu para me alertar sobre o perigo de tais "debates". Dois homens de terno e gravata, sendo um deles de bigode (o detalhe é importante, como veremos a seguir), declaravam-se o primeiro favorável ao movimento de libertação guei, "por ser coisa lá deles" (o de bigode) e o segundo (sem bigode, com cara de pregador evangélico) dizia-se totalmente contrário a "essa sem-vergonhice". Entre os dois, esbravejando e desmunhecando violentamente, duas bichas defendiam a "causa". Uma das bichas usava óculos e roupas discretas: devia ser o intelectual da dupla. Chamava todo mundo de "meu amor", e ninguém prestava atenção no que teria a dizer. A outra, mais agressiva, um rapaz louro, ainda conseguia se impor, quando menos fosse porque gritava muito e corria firme em cima dos tais bofes que faziam a "acusação" e "defesa". Mas seus argumentos é que não deixavam por menos: ao tal que condenava os gueis, chamou várias vezes, aos berros, de "maricona, maricona, maricona!". Lá pelas tantas, nos fundos do estúdio, parece que se desentendeu também com o pretenso defensor da "classe", pois avançou sobre ele querendo tirar-lhe o bigode a tapa (daí) a importância de tal adorno capilar), sob a alegação de que era postiço, por se tratar também, em sua exaltada opinião, de outra "maricona".

Do ponto em que o programa estava, não foi possível distinguir nenhum outro argumento, pois os quatro gritavam ao mesmo tempo, de pé, como baratas enlouquecidas, enquanto o apresentador Jacinto fazia cara de gente séria e entediada em meio a tamanho rebuliço. Os dois rapazes que defendiam publicamente sua condição de homossexuais pareciam pelo menos sinceros _ embora com sua desmunhecação histérica e argumentos do tipo "você também é", tenham prestado, sem querer, um desserviço a todos nós: mais uma vez viado foi visto na TV como um ser pirado, agressivo e sem maiores argumentos para falar de sua própria situação existencial. Os dois bofes de terno, por sua vez, eram refinados imbecis, que não pareciam ter a menor idéia do assunto _ homossexualismo _ sobre o qual gritavam sem parar.

Indago: será isso a tal abertura dos meios de comunicação social a assuntos até agora considerados intocáveis? Se tivesse havido, por parte do Sr. Jacinto e de sua produção, um mínimo de interesse em promover realmente um debate, outros teriam sido os escolhidos para debatedores, pois há muitos homossexuais preparados para falar com alguma serenidade sobre a sua condição; há defensores públicos do nível de um juiz como Francisco Horta; existem detratores que realmente trazem argumentos palpáveis, respondíveis — e portanto enriquecedores — a uma discussão sobre questão tão controvertida e cheia de sutilezas.

Há algum tempo, Fernando Gabeira me dizia que todos os homossexuais, negros e mulheres conscientes, nunca deveriam perder convites para bate-papos públicos que girassem em torno de seu (nosso) modo de viver e pensar. Gabeira generalizou demais, ao pensar que todos esses encontros são irrecusáveis. É evidente que qualquer membro de grupo organizado de homossexuais, qualquer colaborador de LAMPIÃO, são dotados de um mínimo de ordem de fala e raciocínio, e, portanto, estariam melhor qualificados para uma "conversa" do tipo que o Sr. Jacinto apresentou na televisão. Os dois rapazes que lá estiveram bem que se esforçaram mas, como toda a linha do programa já era contrária ao que eles tinham a dizer, acabaram por participar de um monumental vexame. De minha parte, já tendo sido a alguns desses encontros na TV, em faculdades e até (pasmem!) associações religiosas e de classe, cheguei a uma conclusão — precária, porém conclusão: devemos todos pensar muito antes de aceitar o convite; saber das intenções de quem está nos convidando; depois, nos informar sobre quem serão os outros participantes; finalmente nos lembrarmos de que uma afirmação nossa, devidamente pinçada para fora do debate, pode adquiri um significado que não lhe quisemos dar.

O que aconteceu com os dois rapazes do "Homem do Sapato Branco" foi exatamente isso: sem nenhum preparo, partiram para a discussão e se perderam em meio ao calor da hora, desmunhecando e xingando a torto e a direito, fazendo exatamente o papel que a sociedade machista lhes havia destinado na TV. Às vezes, por sinal, pesados todas as vantagens e perigos de uma ida à televisão, é até melhor que a gente recuse um convite cujas intenções não estejam perfeitamente definidas. Pois uma afirmação, uma vez feita, não pode mais ser desmentida. E essa tem sido a tática utilizada pela grande imprensa, principalmente em países de movimentos libertários fortes, como os Estados Unidos: nunca ouviram dizer que as feministas queimam sutians em praças públicas e odeiam os homens em geral? Nunca leram que os homossexuais querem o direito de se casar legalmente e constiuir "famílias" Nunca viram um filmete de TV em que o negro é apresentado como um incendiário que quer matar e comer criancinhas brancas? Pois é,. Cuidado!

Daqui para frente, com essa pretensa abertura e com o evento de um modismo já claramente delineado _ o de certa imprensa machista se interessar pelo exotismo **homossexual que, afinal, serve para vender jornalecos e revistecas sensacionalistas, além de dar audiência a um programa como o do Sr. Jacinto _, todos nós temos a obrigação de nos organizarmos. Sempre que alguém for procurado para dar entrevistas, participar de debates etc., deve antes pensar muito se está preparado para a missão. Em caso de dúvida, os grupos organizados estão aí mesmo para um esclarecedor bate-papo prévio (os endereços dos grupos são publicados em todos os números deste jornal), o LAMPIÃO também fica às ordens de todos — e aqui sempre há um de nós, na parte da tarde, para conversar e trocar informações com quem se interesse.**

Assim, talvez, a gente evite ver o que eu vi na emissora do Sr. Sílvio Santos: dois bravos e bem-intencionados colegas nossos servirem ao jogo do machismo dominante. (Antônio Chyrsóstomo).

P.S. — Um recado para os dois: se quiserem contar o que houve nos bastidores do tal programa, o LAMPIÃO está aberto para vocês. Aqui todos são profissionais de comunicação social. Sabemos muito bem das manipulações, cassações de palavra, processos internos de intimidação que homens como o Sr. Jacinto Figueira e similares costumam infringir aos seus convidados para obter o efeito escandaloso que lhes interessa. E vocês, apesar do vexame final, não me pareceram dois loucos desvairados, tipo alienação total. Se tivessem deixado vocês falarem tenho certeza de que o resultado teria sido outro, bem diferente.

Bichices na Tevê (plim, plim!)

Sem dúvida nenhuma, a televisão tornou-se parte integrante do dia a dia dos brasileiros. Cerca de 50 milhões de telespectadores são bombardeados diariamente por uma porrada de informações, conceitos e apelos publicitários que contribuem profundamente para a formação e mudança de seus padrões de comportamento. Não podemos esquecer que a televisão, assim como qualquer outro grande veículo de comunicação de massa, está intimamente ligada ao Estado e que, como parte deste, assume a função de **Aparelho Ideológico** conduzindo de maneira devastadora o pensamento do poder dominante e desta forma forja opiniões, conceitos e atitudes que auxiliem sua dominação.

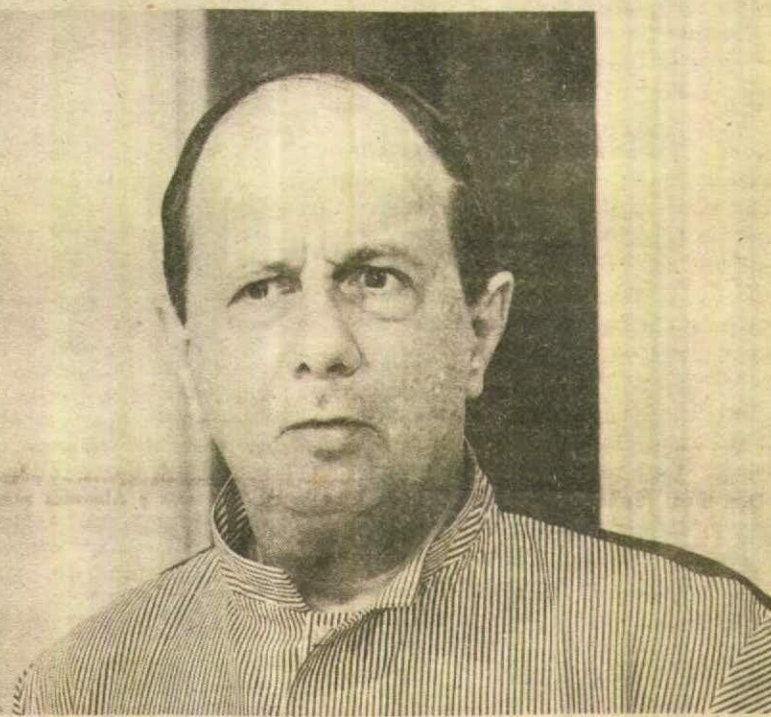
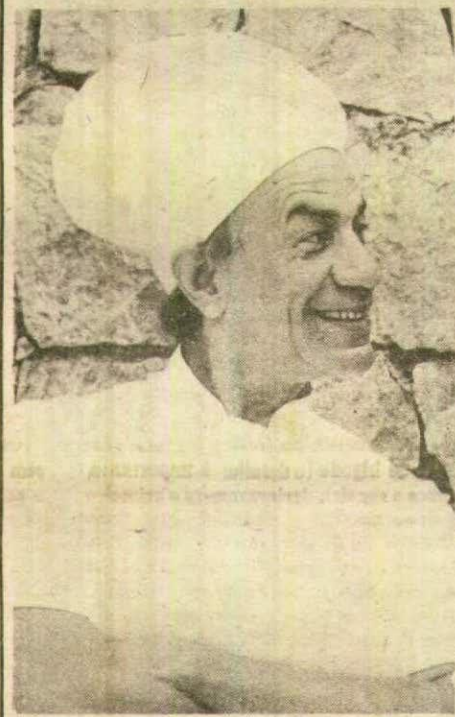
Levando em conta que o **Patriarcal Estado Brasileiro** é pautado sobre valores e padrões machistas, discriminatórios, racistas e repressivos, constataremos que parte considerável do que é veiculado pela **máquina de fazer heterossexuais** tem estreita ligação com tais valores. Não é raro vermos em novelas ou comerciais, a insultuosa discriminação contra os negros, que são sempre colocados em papéis que inferiorizam suas condições intelectuais e culturais, tais como: empregadas domésticas; marginais, varredores de rua, etc... Isto ocorre num país onde a grande maioria, cerca de 74,8 milhões, é negra ou possui raízes negras, e o que é mais absurdo, onde quem governa e decide é a minoria branca.

Quantas e quantas vezes vimos a imbecilização da mulher em detrimento da ufanização do poder do macho. Sem perspectiva, vazia e sempre disponível, é como os machos caracterizam as fêmeas desde o mais remoto telejornal até a novela de maior audiência do horário nobre. Somos vítima da doutrinação heterossexual durante toda a programação. O mundo hetero apresenta-se como sendo a solução para todos os dissabores e sofrimentos. É raro um final de novela não ter mais de uma casamento. E como se não bastasse, existem programas que até financiam casamentos, a título de verem seus telespectadores felizes e **confiantes**.

Não bastando as ininterruptas agressões, das quais nós homossexuais somos vítimas, ainda temos de agüentar as constantes ridicularizações sofridas no vídeo. Sob a capa do humor, as bichas, bichinhas e desmunhecadas são alvo da discriminação e do preconceito, através dos sutis e subliminares papéis de mordomos, cabeleireiros, cozinheiros ou sei lá o que. Tais papéis, imputam nos telespectadores a discriminação contra os homossexuais, a mesma que o sistema perpetua sobre nossas cabeças.

Nas novelas a doutrina heterossexual se faz presente ao engrandecer os relacionamentos homem/mulher, únicos capazes de tornar as pessoas realizadas e felizes, enquanto que o homossexual além de ser apresentado de uma forma folclórica, sempre termina seus dias sozinho e sem nenhuma perspectiva de vida. Renato Pedrosa no papel de Everaldo, o solícito e histérico mordomo de Yollanda, na novela Dancin'Days não foi além de bicha de madame, que se contentava com qualquer miséria de salário (Olha a exploração da mão-de-obra barata do homossexual sendo institucionalizado!!!), cujo principal predicado é ser fofoqueiro, submisso feito um cachorrinho, sem ninguém, etc... É esta a imagem passada aos telespectadores.

Para constatarmos, basta lembrar de outros papéis de gênero como o cozinheiro Pierre, interpretado por Nestor de Montemar na novela Marrom Glacê, que não foge à regra em nada. Os mesmos estereótipos são ressaltados: a frescura em excesso, a falsidade, o vazio interior... O que mais me deixa indignado, é a passividade com que tais atores, que na grande maioria são homossexuais assumidos, aceitam tais papéis que só contribuem para estreitar a visão dos telespectadores e generalizar um comportamento que na realidade difere muito de seus estereótipos. Tais homossexuais ao invés de repudiar qualquer tentativa de ridicularização à sua opção sexual, nada mais fazem do que serem agentes desta forma subliminar de repressão.

Não bastando os cansativos capítulos das novelas, somos bombardeados por um turbilhão de comerciais que se apropriando dos personagens estigmatizados destas, ampliam a ação da repressão e da discriminação. O grotesco anúncio do Creme de Leite Paulista, onde o ator Sérgio Mamberti interpreta um mordomo afrescalhado que segurando um vidro do produto assume uma postura esnobe ao ouvir um coro bradando **Frescol Frescol....** mostra claramente a pobreza da criatividade de nosso, publicitários, que necessitam abarcar estereótipos medíocres para a realização de seus trabalhos.

A vulgarização é reforçada nos anúncios das Baixelas Meridional onde é ressuscitado o afetado mordomo de Dancin'Days. Ou ainda nos anúncios da Swift (molho Forno e Fogão) e da Kibom (Mussy), onde Nestor de Montemar prossegue no seu famigerado papel de Pierre.

Seguindo o mesmo caminho, os programas humorísticos dão um toque de classe na discriminação. No novo Planeta dos Homens, Agildo Ribeiro consegue arrancar alguns risos raivosos com seu novo tipo, um vendedor de plantas (por sinal, sem nenhuma criatividade) muito nervoso que tem acessos e **chiliquitos** (mistura de chilique com faniquito) ao ver um freguês gostoso em sua loja. Até parece que as bichas andam por aí a ter desmaios e chiliques, pelo simples fato de verem homens gostosos. O que é isso Agildo?

O supra-sumo da insolência praticada contra os homossexuais, concentra-se no programa **Os Trapalhões**, onde a troupe ignóbil de Renato Aragão apresenta a única imagem do homossexual que o sistema admite que seja divulgada: a da bicha louca, histérica e doentia. As Carmens Mirandas, tão bem interpretadas por esses **"bobos da corte"**, reforçam o conceito patológico de que todos os homossexuais têm uma grande fixação em tornarem-se mulheres, uma generalização muito perigosa.

Levando-se em conta que **Os Trapalhões** é assistido por um público quase que exclusivamente infantil e adolescente, que desde cedo é forçado a assimilar os dogmas da sociedade machista, contribuindo assim para a perpetuação da moral do sistema, concluímos que: tal violentação e indução a práticas homossexuais, de que tanto somos acusados de praticar contra as crianças, não passa de um argumento falacioso, pois na realidade são os heterossexuais que aliciam e violentam as crianças em nome de suas práticas ditas "normais". E além da televisão, seu melhor percussor, como não poderia deixar de ser, é a tão consagrada família, grande responsável pela reprodução da ideologia dominante.

No dia 9 de março, às 23h15m, na TVS, um grupo de bichas desarvoradas apareceram diante das câmaras para esclarecer perante os telespectadores e o repórter (?) Jacinto Figueira Jr., o movimento que estão encabeçando em São Paulo. Estava dado início a mais uma entrevista forjada do **Homem do Sapato Branco**. Pasmem!!! O bando de bichas propunham-se a lutar pela criação de um banheiro público só para homossexuais. Tamanho disparate só poderia aparecer num programa onde além de se defender a pena de morte e a atuação do Esquadrão da Morte (atualmente travestido de Mão Branca), são retratadas gloriosas histórias da repressão policial na Grande São Paulo.

Estavam presentes um advogado e um médico, que não se identificaram e que iniciaram uma discussão idiota e evasiva, onde não faltaram afirmações como: "O homossexualismo é uma perversão sexual, que deve ser disseminada da face da Terra...", até "Devemos criar métodos que numa apologia às experiências nazi-fascistas praticadas nos campos de concentração alemães, na 2ª Guerra Mundial.

O que me intrigou nesta reportagem (?), é que justamente em São Paulo, onde os grupos homossexuais se apresentam mais organizados, venha ocorrer uma campanha absurda. Algo não está me cheirando bem, estão querendo esvaziar o trabalho dos grupos através da divulgação de uma infame e metirosa luta, onde a conquista de um, banheiro público para as bichas seja o mais importante para o movimento homossexual. Esta música conhecemos de outros carnavais.

Chegou a vez dos jurados. O que é mais importante no júri do **Chacrinha**, a fama ou a frescura? Você liga o aparelho de TV e lá está o Clóvis Bornay falando da Flay-gay e dando sua nota desmunhecada pro calouro. Você muda de canal, e dá de cara com Silvinho cheio de balangandãs, escolhendo o melhor não sei o quê no programa Sílvio Santos. Pelo visto veado dá IBOPE.

O Crime do Castiçal, episódio da série **Plantão de Polícia**, escrito por Aguinaldo Silva e dirigido por José Carlos Pieri, certamente vai entrar para a história da televisão brasileira. Toda regra tem exceções, e no caso, o resultado foi uma grande mostra de sensibilidade e seriedade ao se abordar o homossexualismo. O telespectador finalmente pôde assistir os vários comportamentos homossexuais, do travesti ao enrustido, as alegrias e dissabores do cotidiano, que não diferem muito das experiências heterossexuais. **O Crime do Castiçal**, leva-nos a pensar exaustivamente sobre uma realidade que se para nós e tão complexa e por muitas vezes desconhecida, imagine para quem nada sabe sobre o assunto. Um programa onde acima de tudo, o homossexual foi visto como um ser humano e não como um palhaço medieval tão grosseiramente explorado em outros programas.

É lamentável que um grande veículo de comunicação de massas, como a televisão, seja portador de tão profunda repressão. Lamentável, também, que autores e atores, na maioria das vezes portadores de uma grande abertura, sirvam de porta-voz de discriminação e ridicularizações. Diante deste quadro, quem sai cada vez mais vencido somos nós, que ao invés de unirmos nossas forças e lutarmos contra a opressão machista, nos encastelamos em nossos guetos esperando que uma fada madrinha venha resolver nossos problemas. **(Antônio Carlos. Moreira)**

ENTREVISTA

Uma igreja para o povo guei?

Uma igreja em que 95% dos sacerdotes e devotos são homossexuais? É possível, sim: já existe uma igreja desse tipo — a Igreja da Comunidade Metropolitana de Los Angeles, surgida — é claro — nos Estados Unidos, e agora espalhada por vários países. Um dos seus reverendos — eles são homens e mulheres —, José Mojica, está viajando pela América Latina, tentando implantar, nos países onde o machismo também costuma celebrar missas, a idéia de uma igreja guei. Se ele será bem sucedido ou não, ninguém sabe. E, no caso de Lampião, o pessoal da casa acha que não é de Igreja que as bichas estão precisando. Mas a gente não podia deixar o reverendo Mojica passar pelo Rio sem ouvi-lo. Leila Míccolis, a nossa Sandra Passarinho, transou a entrevista, que contou com a participação de Marquinho e Marcelo, do Grupo Auê/Rio, de Clauco Mattoso e Jair, do Grupo Somos/SP, e do Pascoal.

LEILA — **Como a religião cristã encara o homossexualismo?**

REV. — Através de todos os tempos se vêm ensinando por meio de sermões, discursos, seminários e estudos, que a Bíblia, e portanto, Deus, condena o homossexualismo. A maioria dos religiosos prega que o homossexualismo é um terrível pecado, outros dizem que o homossexual é possuído por demônio. É uma enfermidade para uns e um vício luxurioso para outros. Mas eu pergunto: quantas dessas pessoas tiveram o trabalho de estudar as Escrituras sem preconceitos e sem complexos machistas? Estou certo de que, se o fizessem, mudariam completamente de opinião, e veriam o homossexual como um ser tão natural e normal quanto o heterossexual.

LEILA — **Mas e aquela história de Sodoma e Gomorra?**

REV. — Este é um caso típio de como o machismo influenciou a mentalidade dos estudiosos e das autoridades eclesiásticas. Costuma-se interpretar que ambas as cidades foram destruídas por causa do homossexualismo. Mas qualquer pessoa que leia essa passagem (Gênesis 18 e 19) não encontrará menção alguma ao homossexualismo. A condenação é por causa da soberba, da ociosidade, da idolatria e da falta de caridade.

GLAUCO — **Quer dizer que a palavra sodomia não tem nada a ver?**

REV. — O que existe de verdade histórica nisso tudo é que os sodomitas, homens e mulheres de Sodoma, assim como outros povos vizinhos, se prostituíam em ritos idólatras, inclusive com coito anal. Por isso, a palavra "sodomita" se converteu em sinônimo de homem prostituto. Não é o homossexualismo em si, e sim a prática da prostituição nos templos pagãos que é condenada em várias partes da Bíblia: Deuteronômio, Reis e até na Epístola do apóstolo Paulo. O próprio Jesus Cristo, pedra angular de nossa fé, e nossa máxima autoridade, não disse absolutamente nada sobre o homossexualismo.

PASCOAL — **Mas então, como a igreja começou a discriminar o homossexualismo?**

Reverenda Elder Jeri Ann Harvey, uma das pastoras da Igreja guei de Los Angeles.

REV. — Uma das autoridades mais influentes no início da Igreja foi Santo Agostinho. Ele, cujo pensamento se baseava na filosofia de Platão, ensinava que o corpo era o cárcere da alma, e que, martirizando-o, se purificava a alma. Assim, tudo que se fizesse por prazer ou para agradar o corpo era pecado. Dessa forma é que a masturbação e as relações sexuais que não fossem para a procriação chegaram a ser tidas como pecaminosas, delitos graves e até crimes. Agora, o que poucos sabem é que Santo Agostinho só se fez religioso depois da morte de seu amante, conforme ele mesmo conta em suas "confissões".

(Pânico na sala: Rafaela Mambaba, ninguém soube depois explicar como, surgiu indignada: "cruzes, mas esse Agostinho era mesmo um horror, hem? só porque se arrependeu tinha que sair falando mal dos excoleguinhas? desculpe, reverendo, mas isso é revoltante. Re-vol-tan-te! e desapareceu rodando sua baiana, deixando todos nós estupefatos. alguns segundos de silêncio e várias engolidas a seco, prosseguimos com a entrevista:)

LEILA — **Você está no Brasil exatamente pra que?**

REV. — Para falar com pessoas interessadas em implantar uma Igreja Gay aqui no Brasil. Eu não quero fundá-la, quero que vocês, brasileiros, o façam. Meu interesse é que toda a gente gay — homens e mulheres juntos — sirvam a Jesus Cristo. A nossa Igreja quer que toda a gente, principalmente a gente gay, se una, e aqui estou para dizer que Jesus ama os homossexuais, como ama a todos, que nós não somos diferentes de outra gente, nem é problema ser homossexual.

LEILA — **Qual seria a sua principal mensagem?**

REV. — De libertação a todos, para ser o que somos. Se você é homossexual tem de ser livre para viver a sua vida e estar em paz com Deus, consigo mesmo e com os outros. Ser gay é sua forma de vida, de ser. Deus ama você assim.

PASCOAL — **Você é homossexual?**

REV. — Cem por cento, e até mais que cem por cento...

MARCELO — **Esta Igreja só se organizou na América?**

REV. — Não, não só na América. Temos 170 Igrejas espalhadas em todo o mundo, 8 na África, 7 no Canadá, além da Austrália, Grã-Bretanha, Dinamarca, Espanha, e quase todos os Estados dos Estados Unidos.

MARCELO — **E como funciona a vida numa Igreja?**

REV. — Nossa Igreja é ecumênica, gente de diferentes religiões: católicos, evangélicos, luteranos, anglicanos, todos juntos. Os serviços religiosos são diferentes, cada um tem o seu, segundo a cultura das pessoas. A Igreja Hispana em Nova York é muito parecida com a católica romana, e um culto que toda Igreja tem é a comunhão de vinho e pão aos domingos. Nossa Igreja acredita na Trindade, mas não adora santos e outras pessoas.

MARCELO — **Então o culto é feito conforme a religião das pessoas?**

REV. — Há um culto ecumênico, no sentido de que dele participa gente de diferentes religiões. Mas não pode ser só católico ou só protestante não, tem de combinar os dois.

MARQUINHO — **Sua formação qual é?**

REV. — Mista. Católica e protestante. A do fundador é que é pentecostal.

GLAUCO — **Você poderia resumir o histórico da Igreja?**

REV. — A polícia de Los Angeles perseguia a gente gay. Os homossexuais, por serem gays, não podiam ir à Igreja.

PASCOAL — **Em que ano foi isso?**

REV. — Em 67, 68. Então, o Reverendo Troy Perry, em outubro de 68, após assumir sua homossexualidade e se incompatibilizar com sua congregação, fundou a Igreja da Comunidade Metropolitana em Los Angeles, lutando pelos direitos da gente gay, pelo nosso direito de servirmos a Deus. Esse foi o princípio da Igreja de Los Angeles, mas não foi o de todas as outras começadas depois de Troy Perry: a de Miami, a de San Diego.

GLAUCO — **Mas o que mantinha a unidade dessas novas Igrejas que se formavam? Quem controlava essa unidade?**

REV. — A Conferência Geral da Fraternidade.

GLAUCO — **Então houve um início de organização eclesiástica desde o começo? O próprio Perry se encarregou delas?**

REV. — Sim, ele com mais duas pessoas da Igreja de Los Angeles. Dois anos depois, se realizava a primeira Conferência Geral com representantes de diversas igrejas da Comunidade. E assim, conseguimos percorrer o mundo; por exemplo, na África, temos 8 Igrejas. Dessas, 7 não são gay, e, embora nossa Igreja seja especialmente para eles, também serve às demais pessoas.

GLAUCO — **Qual é a proporção de homossexuais e heterossexuais? Quanto por cento?**

REV. — 95% gays e 5% não-gays.

MARQUINHO — **E como é a reação desses 5% de heterossexuais?**

REV. — Esses 5% não-gays estão de acordo com os gays, amam os gays, querem direitos para os gays, se sentem →

> "Quem está bem com Deus, luta pelos seus direitos e atrai forças para lutar pelos direitos dos outros. Muitos homossexuais querem servir a Deus"

bem com eles, não gostam de estar em outra Igreja, preferem estar na Igreja Gay, porque ela é muito mais liberta, confortável, muito melhor para eles. Na Fraternidade, nós chamamos nossa Igreja Gay de Igreja Cristã, para os fiéis e para toda a gente.

GLAUCO — **E entre os sacerdotes, os ministros são todos homossexuais?**

REV. — Não todos. Há uns três ou quatro que não são.

PASCOAL — **E como é a organização eclesiástica hierárquica?**

REV. — Não é hierárquica, é democrática. A Conferência Geral é a principal. Temos a junta diretiva-administrativa, com 9 pessoas: 5 homens e 4 mulheres. O número de delegados de cada Igreja varia com a quantidade de seus fiéis. Temos uma Conferência Geral Internacional a cada dois anos, e tudo o que se passa na Geral é Lei. O corpo diretivo pode praticar atos entre as Conferências, mas são elas que mandam.

MARCELO — **E como é a organização interna?**

REV. — Somos uma igreja do tipo congregacional, e por isso os assuntos administrativos são tanto da incumbência da congregação quanto do pastor. Além disso nossos serviços são tão variados como variadas são as pessoas que formam a congregação. E por não sermos uma igreja homogênea, cada um tem liberdade de orar a seu modo, porque queremos que todos se sintam livres para adorar a Deus como desejarem.

LEILA — **Além do culto propriamente dito, a igreja tem algum tipo de atividade externa?**

REV. — Sim, de todos os tipos que a congregação quiser, reuniões, festas, etc. Na Califórnia, o Reverendo Perry liderou diversas passeatas pelos direitos gays e, inclusive fundamos o 1º Escritório Guei de Informações em Washington. Mas não nos envolvemos em política partidária: nossa Ação Social Cristã deve voltar-se somente para os direitos humanos, especialmente a favor dos gays, mas também contra o racismo e o machismo.

PASCOAL — **E os ministros?**

REV. — Temos três classes: estudante — a pessoa que sente que Deus a chamou para ser ministro (ou ministra) e está estudando, trabalhando para ser —, licenciado — mais acima, tendo que cumprir certo tempo administrando —, e o ordenado. Não temos bispo nem mais nada. Sós os ministros profissionais e os leigos.

JAIR — **É a primeira vez que você vem ao Brasil?**

REV. — Ao Brasil só não, à América Latina.

JAIR — **Daqui você vai para onde?**

REV. — Para Costa Rica e Buenos Aires.

GLAUCO — **Como pode sua Igreja atuar em países reconhecidamente homófobos, como a Argentina, onde a própria religião é uma das fontes repressoras?**

REV. — A opressão pode se converter num fator positivo, num trabalho de união para a libertação. Deus quer que as pessoas se aceitem, e quem se aceita ajuda na libertação dos outros. Na África do Sul, onde o regime é muito repressivo, nós não possuímos templo, mas a Reverenda (lá é uma mulher) faz as reuniões da congregação em sua própria casa, e assim a comunidade gay se fortalece.

LEILA — **Há muitas mulheres na Igreja Gay?**

REV. — Sim, desde 73 temos muitas ministras mulheres. Na Igreja Hispana do Arizona há mais mulheres do que homens. No nosso próprio corpo administrativo existem quatro. Nas tarefas da congregação não há distinção entre homem ou mulher.

LEILA — **Como poderiam as pessoas interessadas tentar formar a Igreja no Brasil?**

REV. — Primeiro o grupo tem de ter interesse em formar a Igreja Gay, depois entrar em contato com a Fraternidade ou comigo para receberem instruções e regulamentos. As pessoas precisam querer ajudar os gays a se unirem para servir a Deus e à comunidade gay. É necessário também alguém com noções religiosas e fundamentos teológicos. Então nós de Los Angeles entraremos em contato, e ajudaremos no que puder. Mas, repito, não queremos estrangeiros para fundarem em terras brasileiras uma coisa que não é deles. Eu, por exemplo, não falo português, não conheço sua cultura, não posso formar uma igreja gay aqui: são vocês que têm de fazer isso.

MARCELO — **As pessoas que lerem Lampião e ficarem interessadas podem escrever para você em português?**

REV. — Sim, ler eu leio bem.

LEILA — **Mais alguma coisa, reverendo?**

REV. — Sim, muito homossexual quer servir a Deus, mas não pode, porque a Igreja não o recebe, o condena, o alija. Mas quem está bem com Deus, luta pelos seus direitos e atrai forças para lutar pelo direito dos outros.

Embora seja um assunto muito polêmico, já que muitos consideram uma igreja para homossexuais mais um fator de acomodação, retardando a transformação social e agindo, portanto, como força reacionária, há de se salientar que, por outro lado, ela pode ajudar na liberação da culpa e dos conflitos não-resolvidos, provenientes de nossa sociedade repressiva. Uma Igreja com olhos voltados para a libertação, para o movimento libertário, pode ser um grande passo na conscientização de muitos homossexuais, dando a oportunidade deles optarem, livremente, por seu tipo de atuação. A religião, queridinhos, nem sempre é o ópio do povo. (Leila Míccolis)

IGREJA DA COMUNIDADE METROPOLITANA

(Reverendo José Mojica)
5300 Santa Mônica Blvd., Suite 304
Los Angeles, Califórnia 90029
U.S.A.

ESTRANGEIRO, 30 anos, 1,75m, 72kg, deseja amigos masculinos em todo o Brasil, de preferência negros ou mulatos, idade de 20 a 40 anos, sinceros, para amizade, encontro e vida feliz. Dr. Berth. Caixa Postal 188, Passo Fundo, CEP 99100, RS.

SULISTA, **23 anos, 1,72m de altura, deseja conhecer "gente". Fradique Menezes. Caixa Postal 895, CEP 90000, Porto Alegre, RS.**

JOVEM, 21 anos, deseja trocar correspondência com pessoas sem preconceitos, de qualquer idade e de qualquer parte do mundo, gueis ou não. Nílson dos Santos, Caixa Postal 40056, CEP 20440, Rio de Janeiro, RJ.

DESEJO correspondência com jovens que queiram dar e receber amor sincero. Se possível foto na primeira carta. Tenho 36 anos e sou simpático. Marcos. Caixa Postal 1121, CEP 01000, São Paulo, SP.

PROFESSOR, solteiro, 32 anos, 75 kg, 1,78m, polonês, deseja ter amigos de todo o Brasil, qualquer raça, idade ou gosto. Responde a todos. Ronnie. A/c de BF. Caixa Postal 188, CEP 99100, Passo Fundo, RS.

PAULISTA, 19 anos, vestibulanda de jornalismo, negra, deseja se corresponder com mulheres de todas as idades, gueis, que gostem de música e estejam a fim de uma boa amizade. Rita. Rua Alicante, 20, CEP 03654, São Paulo, SP.

AMERICANO que viveu no Brasil procura correspondência com jovens gueis para troca de idéias e posicionamentos da classe. Gary Peterson. P.O. Box 1010, Rádio City Station, New Yoork, N.Y. 10019, USA. Cartas em portugues.

BRASILEIRO quer se corresponder com dinamarqueses, não importa a língua, ou qualquer traço pessoal. Roberto Campos. Avenida Paes Leme, 549, São Paulo.

SENHOR, 40 anos, boa situação financeira, deseja se corresponder com rapazes simpáticos, sem distinção de raça, bem dotados. Possibilidade de viajarem juntos à Europa. Foto na primeira carta. Roberto. Caixa Postal 1814, CEP 01000, São Paulo, SP.

MOÇA de 27 anos, separada, bonita, inteligente, sensível, comunicativa, procura mulheres da mesma faixa etária ou mais jovens, para amizade. Andrea. Caixa Postal 43048, CEP 22051, Rio de Janeiro, RJ.

UNIVERSITÁRIO, 26 anos, 1,69m, desejo corresponder-me com gueis de todo o Brasil que gostem de curtir as coisas boas da vida, principalmente o amor. José Carlos Silva. Rua Padre Lemos, 286, Casa Amarela, CEP 50000, Recife, Pernambuco.

RAPAZ de 40 anos, deseja encontrar jovem de aparência máscula. Paulo. Caixa Postal 16243, Rio de Janeiro, RJ.

GAÚCHO, jovem, culto, divertido, deseja manter correspondência com pessoas de qualquer idade, sexo e boa formação cultural, para uma boa amizade e troca de postais. Moreno claro, 22 anos. Gaspar G. Garcia. Caixa Postal 2315, CEP 90000, Porto Alegre, RS (cartas com foto).

DISCRETO, 21 anos, 1,80m, 70 Kg, apreciador de praia, som e tudo que a natureza nos dá, deseja corresponder-se com entendidos, não importa sexo ou cor, basta que seja culto e não goste de solidão. Lúcio. Caixa Postal 6020, Unicamp, CEP 13100, Campinas, SP.

SOLITÁRIO, 33 anos, universitário, posição definida, 1,68m, 67 kg, cabelos e olhos castanhos, deseja corresponder-se com rapazes discretos e entendidos, para amizade ou algo mais. Luiz Américo. Caixa Postal 175, Jundiaí, SP.

MORENO claro, 26 anos, formação superior, procuro amizades sinceras. Não tenho nenhum preconceito contra travestis, lésbicas, etc... Detesto apenas pessoas burras. Respondo a todas as cartas. Leo. Caixa Postal 1041, CEP 01000, São Paulo, SP.

ENTENDIDO, 30 anos, 1,80m, moreno claro, paulista, boa aparência, deseja se corresponder com rapazes do Sul, alto, louro, olhos claros, que queiram vir morar no Rio. Zey Zaubers. Caixa Posta 26012, Realengo, Rio de Janeiro, RJ.

FEIRENSE, 35 anos, curto cinema, discos novos e antigos. Desejo curtir rapazes entendidos de qualquer parte do Brasil. Peço fotos, dados e preferências. Hilkias Carvalhos. Praça Padre Ovídio, 137, CEP 44100, Feira de Santana, Bahia.

RAPAZ ativo busca um verdadeiro amor. Retrato na primeira carta. 1,76 m 56 kg, 24 anos. Rua da Quitanda, 20, 4º andar. CEP 20011, Rio de Janeiro.

ESTOU SÓ e quero amor. Ronaldo, 26 anos, 1,69, 58 kg. Rua do Amparo, 735, apto. 302, CEP 21381. Rio de Janeiro, RJ.

RAPAZ guei gostaria de trocar cartas com rapazes de todo o Brasil que sejam estudantes, honestos, trabalhadores, para troca de idéias e algo mais. Carlos Cordeiro, 1,82 m, 67 kg. Rua Monte Verde, 28. CEP 05329, Jaguaré, São Paulo, SP.

PAULISTANO, 32 anos, geminiano, deseja falar a gueis emancipados, para contatos em geral. Luigi Rocco. Rua Jaceguai, 518, apto. 91. CEP 01315, São Paulo, SP.

ABERTO, discreto, gostaria de corresponder-me com rapazes para troca de idéias. Vinte e oito anos, estudante universitário, olhos e cabelos castanhos. T. Alm. Caixa Postal 8694. CEP 80.000, Curitiba, Paraná.

GRANDES olhos castanhos, pele canela, boca sensual de voz abaritonada, 32 anos, 1,77 m, 80 kg, procura senhor respeitável, que seja ativo, forte, religioso, fiel e humano. Para compromisso sério. Pede foto. Assinante 3181, correio central, CEP 01000, São Paulo, SP.

RAPAZ, 32 anos, 1,70 m, 72 kg, formado em direito, simpático, versátil, procura contato com pessoas solitárias, maduras e emocionalmente estáveis, Walter. Caixa Postal 58004, CEP 01302, São Paulo, SP.

LOURA, olhos castanhos claros, formada em Belas Artes, deseja se corresponder com moças que estejam procurando sua alma gêmea. Maria Cláudia. Caixa Postal 38.034, CEP 22.451, Rio de Janeiro, RJ.

Povo guei se reúne em São Paulo

O 1º Encontro Brasileiro de Homossexuais será realizado nos dias 4, 5 e 6 de abril, em São Paulo, junto com o 1º Encontro de Grupos Homossexuais Organizados. A não ser na sessão plenária, que será realizada no dia 6, à tarde, no Teatro Ruth Escobar, das outras sessões só poderão participar homossexuais, que serão devidamente credenciados através dos vários grupos existentes no país. Assim, quem quiser participar do 1º EBHO terá que entrar em contato com um desses grupos e pedir a inclusão do seu nome na lista de representantes daquele grupo. Quem não estiver relacionado na listagem final só poderá participar da sessão plenária.

Delegações de vários Estados comparecerão ao encontro, que foi uma idéia lançada por LAMPIÃO. O jornal convocou uma reunião inicial no Rio, quando foi escolhido São Paulo para sede do encontro nacional. Ali, a comissão organizadora do 1º EBHO vem trabalhando exclusivamente há três meses, enfrentando, inclusive, sérios problemas na tentativa de obter um local para a realização do encontro. A parte fechada, por exemplo, será realizada na Casa do Politécnico, o último de uma longa lista de locais tentados, sem êxitos, pelos organizadores.

Além das sessões fechadas e da plenária, para as quais se prevê muita discussão, foi organizado, também, um programa festivo, paa que o pessoal, nos intervalos, entre um debate e outro, possa se divertir.

Biblioteca Universal Guei

Estes livros falam de você: suas paixões e problemas, suas alegrias e tormentos. Leia-os

COBRA
Severo Sarduy
142 páginas, Cr$ 160,0

A história de Cobra, um travesti do cabaré Carrossel, contada pelo escritor cubano Severo Sarduy, do seu exílio em Paris. Prêmio Medicis (melhor romance estrangeiro publicado na França) em 1972. Tradução de Gerardo de Mello Mourão.

TESSA, A GATA
Cassandra Rios
122 páginas, Cr$ 140,00

Uma história de crime, mistério, suspense e amor, mas o amor segundo a versão Cassandra Rios. Um romance de suspense, que alterna passagens líricas com um realismo cruel, e que prende o leitor da primeira à última página.

MACÁRIA
Cassandra Rios
200 páginas, Cr$ 200,00

Um novo caminho na obra de Cassandra Rios: misticismo, macumba e suspense, aliados aos ingredientes habituais: sua maneira muito especial de tratar o sexo, seu lirismo. A autora compõe, aqui, mais um retrato inesquecível de mulher.

TERAPIA OCUPACIONAL (MINHAS EXPERIÊNCIAS)
Otacília Josefa de Melo
99 páginas, Cr$ 100,00

Vivências de uma mulher que desde os 13 anos de idade dedicou-se às crianças excepcionais e doentes mentais, descobrindo, através de sua profissão um mundo maravilhoso de sensibilidade e criação.

SEXO & PODER
Vários autores
218 páginas, Cr$ 150,00
Jean-Claude Bernardet, Aguinaldo Silva, Maria Rita Kehl, Guido Mantega, Flávio Aguiar e muitos outros discutem as relações entre sexo e poder. Dois debates: um sobre homossexualidade e repressão, com o pessoal do grupo Somos, de São Paulo.

TEOREMAMBO
Darcy Penteado
108 páginas, Cr$ 120,00
Um Papai Noel muito louco, uma bichinha sorveteira, uma fada madrinha desligada, a história do bofe a prazo fixo: muito humor e **non sense** no novo livro do autor de **A Meta e Crescilda e Espartanos**.
Ilustrações do autor.

A META
Darcy Penteado
99 páginas, Cr$ 120,00
"Darcy Penteado ilumina detalhes do gueto que a maioria gostaria que o homossexual fosse circunscrito" (Léo Gilson Ribeiro). O livro de estréia de um escritor que é também um ativista em favor dos grupos estigmatizados.

CRESCILDA E ESPARTANOS
Darcy Penteado
189 páginas como este, que fala tudo aberta e desafiantemente, possui a dignidade bem mais culturalmente verdadeira de resistir aos bárbaros preconceitos" (Paulo Hecker Filho). Duas novelas e cinco contos, do total **non sense** ao realismo poético.

NO PAÍS DAS SOMBRAS
Aguinaldo Silva
97 páginas, Cr$ 120,00
Dois soldados portugueses vivem um grande amor em pleno Brasil colonial; envolvidos numa conspiração forjada, acabam na forca. A história, recontada a partir de 1968, faz um levantamento de quatro séculos de repressão.

REPÚBLICA DOS ASSASSINOS
Aguinaldo Silva
157 páginas, Cr$ 150
Bichas, piranhas e pivetes enfrentam o Esquadrão da Morte (e vencem!) A incrível história de um dos períodos mais conturbados da vida brasileira, de 1969 a 1975, tendo como pano de fundo os cenários do submundo carioca.

PRIMEIRA CARTA AOS ANDRÓGINOS
Aguinaldo Silva
134 páginas, Cr$ 120,00
"A única maneira de obter a igualdade e o progresso nos relacionamentos humanos e amorosos consiste na expressão franca da natureza bissexual de todo homem e mulher".

MULHERES DA VIDA
Vários autores
77 páginas, Cr$ 100,00
Norma Bengell, Leila Miccolis, Isabel Câmara, Socorro Trindad e outras mulheres quentíssimas mostram neste livro a nova poesia das mulheres que não se conformam com a opressão machista e tentam inventar sua própria linguagem. A poesia feita nos bares, calçadas, ônibus, boates, prisões, manicômios e bordéis.

O CRIME ANTES DA FESTA
Aguinaldo Silva
136 páginas, Cr$ 100,00
Através da história de Ângela Diniz e seus amigos, que ele trata como se fosse ficção, o autor interpreta e esclarece todas as conotações de um instante dramático de nossa alta sociedade. Um libelo contra o machismo e a opressão.

TESTAMENTO DE JÔNATAS DEIXADADO A DAVI.
João Silvério Trevisan
139 páginas, Cr$ 120,00
Uma viagem do autor em busca de si mesmo. Anos de estrada, de solidão e fome sumidos num livro escrito com suor e sangue: nestes contos, a história de uma geração cujos sonhos foram queimados lentamente em praça pública.

QUEDA DE BRAÇO
Vários autores
302 páginas, Cr$ 150,00
Uma antologia do conto marginal, reunindo os autores que os editores têm medo de publicar: Gente finíssima, Benício Medeiros, Fernando Tatagiba, Glauco Mattoso, Júlio César Monteiro Martins, Nilto Maciel, Luiz Fernando Emediato, Paulo Augusto e Reinoldo Atem, entre outros.

OS SOLTEIRÕES
Gasparino Damata
213 páginas, Cr$ 140,00
Um livro que se dispõe a esmiuçar o mundo dos homossexuais e tudo o que os tolhe: a incompreensão que os cerca, o medo. Escrito sem meias palavras, ele vai buscar a linguagem dos seus personagens lá onde autor os encontrou.

A TRAGÉDIA DA MINHA VIDA
Oscar Wilde
194 páginas, Cr$ 85,00
O famoso depoimento de Oscar Wilde sobre a sua vida na prisão, onde cumpriu dois anos de pena, condenado pela justiça inglesa pelo crime de HOMOSSEXUALISMO. Um livro em que Wilde acusa e se defende, envolto pela solidão das prisões e marcado pelo sofrimento.

SHIRLEY
Leopoldo Serran
95 páginas, 110,00
A história de amor entre um travesti da noite paulista e um operário de Cubatão. Wadir/Shirley é um personagem que aceita enfrentar todas as humilhações para ser fiel ao seu desejo. Dois seres humanos, coisificados pela opressão, brigam pela vida.

EXTRA/LAMPIÃO
Entrevistas
24 páginas, Cr$ 40,00
As mais explosivas entrevistas sobre política sexual já feitas no Brasil: Fernando Gabeira, Ney Matogrosso, Lecy Brandão e Clodovil falam de sexo e política; Abdias Nascimento fala de racismo, discriminação e ativismo negro; Anselmo Vasconcelos conta como criou a "Eloína" do filme "República dos Assassinos"; Antônio Calmon explica o seu cinema sado-masoquista-entendido, e Darlene Glória fala de Deus e do diabo.

Escolha os que você quer ler e faça o seu pedido pelo reembolso postal à Esquina — Editora de Livros, Jornais e Revistas Ltda. — Caixa Postal 41031, CEP.: 20400, Rio de Janeiro — RJ.

Se você pedir mais de três livros receberá como brinde, inteiramente grátis, um exemplar de EXTRA/LAMPIÃO nº 1.

BELO HORIZONTE

Êta trem doido!!! Aqui vai pr'ocês um roteirão incrível dos lugares entendidos da provinciana Belo Horizonte. Pasmem, a capital da Tradicional Família Mineira está a mil por hora, dando rasteiras no Rio e São Paulo. A cidade está abarrotada de jovens rapazes, sedentos de prazer. Uai! Que é isto? É de deixar qualquer um louco. O Beautiful people mineiro tá que tá.

Atenção mulheres, Belô é todinha de vocês. Tá transbordando de lésbicas por todos os lados. Podem badalar a vontade, pois as opções de lazer são imensas, e em todo lugar entendido, tá assim de lésbicas, sapatões, tamanquinhos, fanchas... Para cada três lésbicas você encontra uma bicha e meia. E tem mais, o lugar é a maior tranqüilidade e a tal onda de violência ainda não pintou por lá.

Para quem gosta de curtir bares fechados, nada melhor do que dar um pulinho no **Marrom Glacê**, que fica na Rua Pium-í (não é brincadeira não, esta rua existe mesmo), 190, no bairro Cruzeiro. O casarão é uma espécie de bar, casa de jogos (totó, sinuca, fliper) e discoteque. Mani e Mariinha, as donas da casa, estão sempre alegres batendo aquele papo com os freqüentadores. O bar funciona de terça a domingo a partir das 19h, e você não paga consumação e nem a mesa, e ainda toma uma cervejinha ultra gelada, ao lado de muita gente nova e descontraída. Atenção mulheres, lá é um prato cheio pra vocês.

Para o pessoal que curte ambientes mais requintados, existe o bar **Manhatan**, que fica na Av. Brasil.

Dentre os bares abertos, eis algumas opções: "**Bar do Jorge**", que fica na Rua Alagoas, 777, na Savassi. O melhor dia para se tomar umas caninhas e curtir aquele papo é sexta-feira, a partir das 20h. A freqüência do bar é bem porra-louca e pinta muita gente nova; "**Bar do Lucas**", no **Ed. Malle**, na Av. Augusto de Lima, no centro. Tem desde a puta ao travesti. A cerveja e os drinks são baratíssimos, mas a comida é horrorosa de cara. Mas se a grana estiver sobrando, vale a pena experimentar a lasanha da casa. Só aconselho a não ir ao banheiro após o repasto, senão é congestão na certa, pois é a maior pegação e tá assim de gente no toilete masculino. Já o "**Bar Lira**", que fia no mesmo local, **Ed. Malle**, é um bom lugar pra se curtir uma pegaçãozinha amena ou bater um papo com amigos. O local tem freqüência heterogênea, e o pessoal entendido que pinta, é bem discreto.

Para quem está iniciando ou para quem gosta de marinheiros de primeira viagem, nada melhor do que dar uma voltas pelo "**Bar Primeiro Passo**". Como o nome sugere, a freqüência é de pessoas bem novas (adolescentes) e que realmente estão começando a se descobrir e a fazer a cabeça. Pra quem é pedófilo, não há nada melhor. **Primeiro Passo** fica na Rua Santa Catarina, atrás da boate **Brûle**.

Quanto às boates de BH, você tem três opções. A "**Chez eux**", primeira boate entendida de Belô, fica na Rua Alagoas, Savassi. A freqüência é das mais variadas. Funciona de terça à domingo, sendo que os melhores dias são sexta e domingo. Você só paga 70 cruzeiros para entrar e ainda tem direito a um drink. Na terça-feira a entrada é franca e você come aquele frango com rizoto, tudo por conta da casa.

Na Av. Assis Chateaubriand, 524, no bairro Floresta, você encontra a boate "**Nostro Mondo**", que funciona de terça à Domingo a partir das 21h. A consumação também é de 70 cruzeiros e você tem direito a um drink. Na quarta-feira, a exemplo da "**Chez eux**", a entrada é franca e ao invés do rizoto você come um delicioso mexido da casa, tudo por conta da boate. Uma coisa é certa, se em Belô você não conseguir fazer nenhum programa, pelo menos não morre de fome.

A boate mais badalativa, até fins de fevereiro, era a "**Brûle**", que fica na Av. Pedro Álvares Cabral, 1.200, no bairro de Lurdes. Ela funciona apenas às sextas e sábados, sendo sábado o melhor dia e você paga 150 cruzeiros de consumação, com direito a dois drinks. A freqüência da **Brûle** é de pessoas bem novas. É um dos únicos lugares onde a presença de mulheres é menor.

Breve será reinaugurada a boate "**La Rue**", que pegou fogo no dia da inauguração, no final de dezembro. Pelo que se comenta, deverá ser a melhor boate de Belô.

Para os que preferem gastar as solas do sapato ou assinar alguns cheques, aqui vão as dicas. A pegação intensiva fica no centro da cidade, próximo à Rodoviária nas Avenidas **Afonso Pena**, no trecho da Rodoviária ao Parque Municipal, **Bahia** e **Augusto de Lima** em frente ao Ed. **Malle** (êta lugarzinho danado de bom !!!) ou ainda na Rua Tupis. Para os que curtem um travesti, é só pintar na **Olegário Maciel**, perto do campo do Atlético e na Praça Sete esquina com Av. Amazonas e Afonso Pena. E quem se amarra num michê, é só pintar nos pedaços acima, pois eles freqüentam todos os locais de pegação intensiva. Pra quem tem petrodólar e gosta de gastá-los com rapazes maravilhosos, é só pintar com sua charanga em frente à boate **Brûle**, que rapidinho descola um programa.

As saunas de Belô não são os melhores lugares para se arrumar transações, mas pros mais persistentes sempre se consegue algo. Você pode dar um pulinho na Sauna **SANA**, na Rua Aimorés ou na Sauna **Carlos Tuner**, na rua São Paulo.

Para os mais ousados, nada melhor do que ir aos cinemas da cidade. Me falaram que em quase todos os cinemas você faz alguma coisa, mas não é bom arriscar. Ai vai alguns cinemas onde a transação é certa. Na Rua da Bahia temos o **Cine Metrópole**, muito bem cotado. Na Rua Tupis temos o **Cine Jaques**, cotadíssimo. Pra quem gosta de pessoal com mais de 40 anos, é só aparecer no **Cine Brasil**, que fica na Praça Sete e está caindo aos pedaços. Na Av. Afonso Pena, próximo à Rodoviária, você encontra o Cine Royal, que lembra muito o São José, do Rio. Novidade, em Belô mulher também faz pegação em cinemas. Atenção lésbicas, a sessão vai começar.

Depois de tanta badalação, chega a hora do prazer, mas alguma coisa falta em Belô ou seja, locais onde se possa curtir mais intimamente. Não existem Hotéis para Cavalheiros e nem para Damas, e você é obrigado a ir nos motéis que ficam na área de prostituição, perto da praça da Liberdade, e que na maioria das vezes são sujos e mal conservados. Mas em último caso, o jeito é arriscar.

Existem outros bares e lugares que não tive tempo de conhecer, mas basta você usar sua criatividade e descobrí-los. Depois deste roteiro, nenhuma bicha ou lésbica pode dizer que Belô é um lugar sem opções. Quem não conhece, não perca tempo Vá. Quem foi e não viu nada, volte e aproveite. (**Antônio Carlos S. Moreira**)

MACEIÓ

Alô Lampiônicos, vai aí o nosso roteiro gay. Maceió, capital das Alagoas, a mais prateada morada do sol, com seus 500 milhões de habitantes tem muitas coisas para serem mostradas e curtidas. Cidade Litorânea onde o povo tem o coração hospitaleiro e a mente aberta para aceitar a evolução do mundo. Para nossos visitantes temos várias opções, além do povo ser alegre e belo. Bares: Na orla marítima temos o mais curtido "O Beija-Mar" onde pinta o gay universitário anti-DCE. "A Cantina do Ginos" com seu coreto de pedras e sua gostosa comida italiana, para quem transa boa música popular brasileira e papos com os intelectuais e artistas da cidade. Continuando pela orla chegaremos à praia mais bonita do nordeste, Pojuçara, "onde o mar beija as areias com seus coqueirais em flores" encontramos a "Peixada do Ferreira" e o "Bebaqui". Para nossos amiguinhos que gostam de curtir povo temos o "Bar do chopp", considerado o Castelo das Bichas, no centro da cidade e também a lanchonete "Sankyo" onde a pegação é transada em alta escala. No seu final de noite acompanhado ou sozinho a pedida é lanchar no drive-in "O Gauchão" onde os garçons são finíssimos e adoram ser chamados para curtir um som no carro. Praias: Nossa bolsa em frente aos Hotéis Luxor e Beira-Mar, todos 4 estrelas onde pode ser encontrada as cartieres da cidade. Também temos a praia de Ponta Verde, vizinha ao Alagoinhas-Clube, para quem gosta de curtir gatões e a praia da Sauna para momentos românticos, um pouco distante da cidade. Boites: Não temos uma gay, mas caretas tipo "Mido Privê" o mais requintado disco-club do nordeste freqüentado pelo jet-set alagoano é fácil pintar um convite para conhecer algumas coberturas com piscinas da orla. Teatros e Cinemas: Pintando peças ou shows, os teatros Deodoro e de arena Sérgio Cardoso são pontos de partida para qualquer encontro proveitoso. As últimas seções da sexta e domingo no São Luiz, é uma ótima pedida para quem gosta da linha michê o Cine Ideal é a grande opção. Motéis: De: 1ª classe, sempre fora da cidade, aconselhamos o Thaity e o Guaxuma, sendo bem discretos. Na cidade todas as pensões periféricas à rodoviária aceitam casais gay. (**UVA — União dos Viados de Alagoas**)

JUIZ DE FORA

Distante cerca de 200 Km do Rio de Janeiro, e com uma concentração muito grande de estudantes universitários, Juiz de Fora ainda conserva intáctos os padrões morais e repressivos da Tradicional Família Mineira. Apesar de tudo, um número considerável de homossexuais reside na cidade e com muita garra vão conquistando espaços para seu lazer e divertimento.

É raro encontrar-se, pelas ruas de Juiz de Fora, com uma bicha pintosa. Todos assumem a postura séria exigida pela sociedade machista e quase sempre tornam-se pessoas fechadas e de difícil abordagem. Lá, a pegação não é muito fácil como nos grandes centros, onde você: viu, gostou, cantou e transou. Lá, as bichas têm de ser criativas e pacientes, senão morrem à míngua. Mas apesar dos pesares você encontra algumas opções, e é só ser um pouco mais persistente e "cara de pau" pra resolver os problemas de solidão e ter alguns momentos de lazer e prazer.

O bom do "trottoir" em Juir de Fora, fica no centro da cidade, nas ruas Marechal Deodoro, rua Halfeld (rua do Calçadão), Batista de Oliveira, entre o calçadão e a Marechal Deodoro e na Av. Rio Branco, da Rodoviária até a rua do Calçadão. Aviso aos navegantes que a partir das 19hs tá todo mundo na rua e a festa termina à meia-noite, quando permanece apermanece apenas uma meia dúzia de gatos pingados.

Quanto aos bares, não existe nenhuma opção exclusivamente entendida, mas em alguns deles há uma freqüência grande de homossexuais, e você pode aparecer e fazer aquela festa sem se preocupar muito com a repressão. Aí vai a lista: **MARRAKECH**, bar fechado que fica na rua Espírito Santo próximo à Av. Rio Branco, onde você pode curtir um papo muito descontraidamente e se deliciar com os quitutes da cozinha árabe, acompanhado de uma cerveja geladinha, a preços módicos, e ainda paquerar o beautiful people que pinta por lá.

Para os que curtem uma companhia jovem e descontraída e que se amarram num "bagulho", nada melhor do que dar um chega no **AXTERIX**, que fica na Av. Independência esquina com Espírito Santo, e onde pinta muito entendimento. Temos ainda o **AVALANCH**, que fica na Av. Rio Branco próximo ao Palácio da Saúde e o **SCORPIUS** na Brás Bernadino, no centro, todos com uma freqüência jovem e não muito louca. Mas o pessoal que transa uma badalação forte fica nos bares **FLAMON** e **PARIS**, ambos na parte baixa da rua Halfeld. Os bares costumam ficar abertos até as três horas da manhã. Aproveite ao máximo!!!

As saunas de Juiz de Fora estão à espera dos que procuram juntar o útil ao agradável. Na rua Santa Rita, esquina com Batista de Oliveira você encontra a melhor sauna da cidade, **KUNG FÚ** que cobra 120 cruzeiros pela noitada. Na Av. Independência, próximo ao colégio dos Jesuítas, fica a sauna **CAIÇARAS**, que cobra 70 cruzeiros pelos banhos afrodisíacos. Temos ainda a sauna do Sport Clube Juiz de Fora, na Av. Rio Branco, onde você também pode utilizar os serviços de um senhor masagista.

No Cine Central, na rua do calçadão, além da sessão dupla você faz aquela pegação, todo dia a partir das 18 h. Basta dar um pulo no banheiro e boa sorte.

Para os que gostam de um travesti, o indicado é dar uma voltas pelo Largo do Riachuelo, próximo à Rodoviária. Lá as mais assumidas se misturam as prostitutas e fazem um ótimo trottoir.

Depois da pegação e do bate-papo, chega a hora de transar e, neste ponto, Juiz de Fora não deixa nada a desejar dos grandes centros. Não existem móteis exclusivamente entendidos, mas a grande maioria aceita casais homossexuais, e sem cobrar além da tabela. Aqui vão algumas dicas. Todos os hotéis da parte baixa da rua Marechal Deodoro são mistos, e a freqüência é das boas. Na rua do Calçadão você encontra o **Capri** e o **São José** que são bem mais caros em relação aos da Marechal Deodoro. Na rua Floriano Peixoto, esquina com Rio Branco você ainda encontra o Hotel **Acapulco**, que possui ótimos apartamentos com cama redonda e tudo. Para os que curtem programas ao ar livre e possuem carro, o quente é ir para a estrada da Universidade Federal de Juiz de Fora, o difícil vai ser arrumar uma vaga, pois tá assim de nego observando a natureza.

Como não poderia deixar de faltar, em todos os lugares se encontram os esbeltos profissionais e que não fazem por menos, cobram altos michês. As petroleiras podem preparar o talão de cheque e mãos à caça.

Apesar de todos estes lugares para badalação, Juiz de Fora continua sendo uma cidade parada. Durante a semana os locais parecem verdadeiros cemitérios e as coisas só melhoram um pouco a partir das 19 h. da sexta e termina, fatidicamente, por volta das três horas da manhã de domingo. Mas de qualquer forma, vale a pena conhecer... (**Antônio Carlos S. Moreira**)

ENSAIO

O Samba do Governador Doido

O empate entre três escolas de samba do Grupo IA marcou a derrota do Governo Federal para o governador do Estado do Rio de Janeiro, Chagas Freitas.

A manipulação política dentro das Escolas de Samba ocorre há mais de trinta anos. Em 1946, por exemplo, Paulo da Portela compôs um samba em homenagem a Carlos Prestes e a Escola de Samba desfilou numa festa que o Partido Comunista realizou no Campo de São Cristóvão No mesmo ano a Escola esteve na sede do Partido em Madureira, cantando o samba: "Prestes, Cavalheiro da Esperança...", talvez, tudo tenha começado aí. Mas nunca as escolas de samba foram tão usadas, politicamente, como no Carnaval 80. O Governador Chagas Freitas distribuiu os seus líderes de maneira estratégica e não deixou o menor espaço para que qualquer adversário se intrometesse. Na área federal o Deputado Waldomiro Teixeira atuou com todo o vigor. O esquema estadual foi manipulado pelo Deputado Jorge Leite. Quanto aos limites municipais os encargos de atuação foram atribuídos ao vereador Edgar de Carvalho.

Havia ordens expressas do Palácio do Planalto para uma intervenção na área das Escolas de Samba, no sentido de controlar a projeção e promoção dos dirigentes, misto de comerciantes e banqueiros do jogo de bicho. Acionaram-se todos os dispositivos de defesa e encontraram na Estação Primeira de Mangueira a arma ideal para o combate. A tradicional escola verde e rosa foi beneficiada de diversas maneiras; perdão da dívida contraída com a Caixa Econômica Federal, na construção de sua sede, e auxílio de um milhão e quinhentos mil cruzeiros para a confecção do enredo, **Coisas Nossas**.

A marginalização do negro brasileiro se arrefacia na década de quarenta com a implantação do Estado Novo. A atuação do Partido Comunista marcava uma nova situação na política brasileira. O surto industrial e a legislação trabalhista asseguravam ao negro uma posição nova e desconhecida. Paulo Benjamim de Oliveira, fundador da Escola de Samba Portela, que estribava sua luta na aproximação do sambista marginalizado com a minoritária sociedade dominante, a aristocracia, encontrou no aceno do Partido Comunista um caminho para fortalecer tal aproximação. As dificuldades dos tempos anteriores e a má vontade das autoridades para com os sambistas prejudicavam o desenvolvimento natural que Paulo desejava empreender em sua agremiação. Apesar da Abolição da escravatura em 1888 o negro não adquiriu o mínimo espaço político, social e econômico. O objetivo de Paulo da Portela era o de aproximação, e para aproximar ele concedia. Por exemplo, o fundador da Portela exigia que os componentes masculinos da escola usassem paletó, chapéu, gravata e sapatos engraxados. Era um esforço muito grande para um homem de baixa renda, mas o compositor sabia que a indumentária era um ponto de honra no seio da sociedade dominante. O programa do Partido Comunista visando conquistar adeptos aproximou Paulo da Portela, éra obvio: a maioria marginalizada buscava o reconhecimento e amparo da política progressista e vice-versa.

A ilegalidade do Partido Comunista afastou o Samba do caminho político. Isoladamente, a partir da década de 40, diversos políticos se aproximaram das escolas de samba. Alguns pretenderam até dominar a associação das Escolas de Samba. Encontramos nos registros e atas da entidade que reúne as agremiações diversos nomes de políticos que investiram nas escolas. A carreira de Chagas Freitas, sempre apoiado em bases populistas, nunca dispensou o Samba e as Escolas. Apenas o atual Governador do Estado, não encontrou a forma de atuação mais eficaz e efetiva. O descrédito em que caiu o Partido do Governo Federal, acelerou a ação do Planalto tentando a superação da projeção e prestígio que os Banqueiros do jogo de bicho adquiriam. Os banqueiros apoiaram maciçamente os líderes do Governador Chagas Freitas e em troca conquistaram mais liberdade nacontravenção. Aliás, hoje é muito difícil se acusar qualquer dos grandes banqueiros, no ato da contravenção. Todos são homens com firmas comerciais, plenamente legalizadas e com um grande prestígio na comunidade. O crédito público de qualquer grande banqueiro ultrapassa o prestigio e a fé do político mais votado. O sacrifício e a honestidade dos banqueiros de bicho que pagam qualquer soma de prêmios sob a apresentação de uma folha de bloco, sem timbre legal, desmoronou todo o sistema comercial e bancário do Rio de Janeiro. Este problema afetou, diretamente, o Governo Federal que dia a dia sente o desprestigio de seus representantes políticos. Por outro lado, o Governador Chagas Freitas, ano a ano, acumulará os favorecimentos daqueles homens marginalizados. Sob o véu da legalidade, o Governador buscou apoio financeiro dos banqueiros do bicho e formou o seu quadro político.

José Natalino Nascimento (Natal da Portela), ferroviário aposentado por invalidez, vendedor de angu e peixeiro, se tornou um passador de jogo de bicho de prestígio nos bairros de Madureira e Oswaldo Cruz. Sua família, precisamente, seu pai, Napoleão Nascimento e seus irmãos, participavam da escola de samba desde a fundação. Ele, ao contrário, preferia o futebol. Na mesma década em que Paulo buscava a aproximação e o apoio do Partido Comunista, Natal ingressava na Escola de Samba. Dos caminhos diversos no afã de melhorar as condições do samba, o primeiro buscava uma solução externa e o segundo se apoiava num elemento que se projetara dentro de sua própria comunidade. Os choques entre Paulo da Portela e Natal foram inevitáveis e responsáveis pela maior mudança econômica na estrutura das escolas de samba. A morte de Paulo da Portela em janeiro de 1949 acelerou a projeção e Natal. Sua liderança natural se expandiu e atingiu até outras comunidades. O seu relacionamento no marginalizado mundo dos grandes contraventores abriu espaço para que outras agremiações adquiressem seus patronos. O podério de Natal no seio da comunidade extrapolou e se difundiu, através da imprensa.

Uma série de vitórias da Portela fotaleceu o prestígio de Natal. Prevendo a sua morte, Natal tratou de fortalecer, economicamente, a diretoria de sua escola de samba e escolheu o comerciante de secos e molhados, Carlos Teixeira Martins, Carlinhos Maracanã, para dar prosseguimento a sua obra. Carlinhos que ingressava no mundo da contravenção, sem nada conhecer das coisas do samba, não se fez do rogado, arregaçou as mangas e se pôs em ação.

Eram quatro grandes escolas que se revezavam na primeira colocação, Portela, Salgueiro, Mangueira e Império Serrano. Até que no ano de 76, a Beija-Flor de Nilópolis se intrometeu no quarteto e conquistou a primeira colocação. As vitórias se repetiram nos carnavais de 77/78, colocando-se em segundo lugar no carnaval do ano passado. O mundo do samba se surpreendeu com a rápida ascensão da escola de samba do município de Nilópolis. A Baixada Fluminense vibrou com a nova força que surgia. O núcleo da Escola, até então de atuação oscilante, foi reforçado por diversos elementos de outras agremiações e recebeu apoio, fundamental da assessoria de RELAÇÕES PÚBLICAS DO GOVERNO FEDERAL, segundo consta do histórico de apresentação do carnaval de 77, distribuído pela agremiação.

O passado de seus dirigentes máximos, os irmãos Nelson e Anísio Abraão David, remonta aos primórdios da Escola. Seus parentes, comerciantes da região, sempre auxiliaram a Beija-Flôr de Nilópolis, chegando o sogro de um dos irmãos ao cargo de presidente, ainda nos tempos, das atuações oscilantes entre o Grupo I e II. A necessidade de fortalecer o núcleo eleitoral da Baixada Fluminense levou o Governo Federal a apoiar, através da Assessoria de Relações Públicas, os sambistas nilopolitanos. Os primeiros tempos de direção dos irmãos Nelson e Anísio forma escorados nas experiências de Haroldo Bonifácio, veterano cronista de samba e repórter policial, Djalma dos Santos, ex-presidente da Mangueira, Laíla, ex-diretor de harmonia do Salgueiro, e João Jorge Trinta, carnavalesco Bicampeão dos Acadêmicos do Salgueiro. Entre a prata da casa os irmãos dirigentes contavam com a vivência dos compositores Anésio, Cabana, Wilson Bombeiro, entre outros e o empenho do diretor de bateria e fundador Negão da Cuíca. A divulgação externa ficava por conta dos compositores Bira Quininho, falecido antes das três vitórias e Neguinho da Vala (hoje puxador de samba).

Esta breve apresentação da Beija-Flor de Nilópolis, por certo esclarecerá as dúvidas do leitor menos acostumado com o cotidiano do samba e facilitará a exposição que se segue. O Partido Governamental (Arena), após a estruturação da escola nilopolitana, se expandiu e deu forma ou seu domínio eleitoral na área. Na família dos dirigentes e no seio da própria agremiação as contradições partidárias se avolumavam. Membros do legislativo das duas facções políticas desfilavam e ainda desfilam na Beija-Flor. A prosperidade nos negócios e na contravenção comprometeu os Abrão Davi na área da política estadual. Aí o faro político de Chagas Freitas se fez presente e se pôs a manobrar junto ao samba de Nilópolis. Apesar da participação dos filhos do Presidente da República João Figueiredo entre os componentes da escola, nota-se, claramente, que o Governador Estadual domina a situação.

A Imperatriz Leopoldinense, escola de samba de Ramos, fundada por Amauri Jório, ex-presidente da Associação das Escolas de Samba do Rio de Janeiro, recentemente falecido, abriga um núcleo eleitoral fiel que elege candidatos próprios, tanto na área federal como na estadual ou municipal. A subida de Luiz Pacheco Drumond ao cargo de Presidente da Escola regularizou os problemas administrativos e financeiros. Luizinho, banqueiro do jogo de bicho respeitado por sua honestidade, se lançou de corpo e alma nas coisas do samba e tomando lições com a velha guarda do Império Serrano, se fez um dinâmico dirigente. Antes do Carnaval de 80, sua escola, nos bastidores, era apontada como a campeã. A aquisição do experiente carnavalesco Arlindo Rodrigues, campeoníssimo no Acadêmicos do Salgueiro e vencedor do Carnaval de 79 na Mocidade Independente de Padre Miguel, estruturou os setores de alegorias, fantasias, enfim, o enredo da Imperatriz.

Os dez anos sem vitória de Portela, sobre a presidência de Carlinhos Maracanã, incomodava a todos os Portelenses e desgastava a maior torcida dentre as escolas de samba. O estímulo das três vitórias da Beija-Flor de Nilópolis, sob a direção dos irmãos Nélson e Anísio, garantiram o crescimento e o fortalecimento comunitário da Baixada Fluminense e não mereciam solução de continuidade. A necessidade de agrupar a comunidade Leopoldinense em torno da Imperatriz, sob a direção de Luizinho, só tinha uma solução, a vitória. Evidentemente, o Governo Federal estava atento e procurou neutralizar a investida de Chagas Freitas se apoiando no imenso núcleo comunitário estabelecido no Morro da Mangueira. O enredo **Coisas Nossas** elaborado pelo Mangueirense Paulinho atendia as necessidades da presidência da República e a Petrobrás foi a intermediária no enquilíbrio financeiro. Segundo os dirigentes da Estação Primeira, o presidente Ed Miranda e o diretor geral Djalma Arruda, a escola estava envolvida numa grave crise econômica-financeira. O reforço de um milhão e quinhentos mil cruzeiros da Petrobrás chegou em hora certa, mas os bastidores do samba-eleitoral já estavam, muito bem calçados por Chagas Freitas.

Não cabe aqui, sob o ponto de vista técnico do samba, uma discussão sobre o resultado que classificou Portela, Beija-Flor e Imperatriz. Empatadas ou não, quanto ao samba pelo samba, as escolas campeãs tiveram seus méritos. Ocorre que no dia 22 de fevereiro, ao abrir os mapas de apuração o funcionário da Riotur e renomado criminalista Augusto Thompson se atrapalhou ao tentar impor o regulamento aprovado pela Associação das Escolas de Samba do Rio de Janeiro e avalizado pela empresa de Turismo Municipal, quase pondo tudo a perder. Evidentemente que o criminalista Augusto Thompson não sabia dos conchavos do Governador Chagas Freitas e analisou o regulamento sob a luz da jurisprudência. A Riotur é regida por diretrizes do Município do Rio de Janeiro, mas o Governador Chagas Freitas entrara no circuito e decidiria pelo esquecimento do regulamento, partindo para aplicação de um acordo de cavalheiros.

O relacionamento entre a comunidade suburbana e a Baixada Fluminense com os Bicheiros em geral sempre foi muito amistoso. O paulatino ingresso dos banqueiros de bicho nas escolas de samba, apesar de causar algumas discordâncias, nunca afetou a administração e o desenvolvimento natural da manifestação popular. O banqueiro de bicho é um marginalizado na riqueza e o núcleo da comunidade, também, está marginalizado. Carlos Teixeira Martins, Anísio e Nélson Abraão David e Luiz Pacheco Drumond, são homens que contribuem para o fortalecimento e crescimento de suas comunidades. São homens acreditados pela grande massa marginalizada. Apesar de cercados por uma minoria que os explora e impede de uma ação maior, eles se beneificiam em todos os momentos, a qualquer hora do dia. O Governador Chagas Freitas se aproveitou da ilegalidade dos negócios destes homens, por culpa de uma errada orientação federal, e os usou na sua terrível maquinação política eleitoral.

Envolvidas na emoção da vitória as comunidades da Baixada Fluminense, das Zonas da Leopoldina e da Central, por certo não se aperceberam do maquiavelismo da situação. A maioria negra destas comunidades, que também se constituiu na base das três escolas de samba campeãs discutem, ainda, o rigor ou a liberalidade dos jurados, quanto à pontuação. Os dirigentes se emocionam e aceitam bajulações ou provocações inadequados ao momento. Os perdedores buscam a reestruturação de suas agremiações. O Governo Federal pergunta qual a solução. A Riotur se debate entre a orientação legal da Prefeitura e a intromissão do governo estadual. Entre a emoção da vitória e o maquiávelismo político, surge o sorriso do vencedor: GRÊMIO RECREATIVO E ESCOLA DE SAMBA UNIDOS DE CHAGAS FREITAS. (Rubem Confete)

Uma bicha no Poder

A Direita do Presidente, comédia dramática, de Vicente Pereira e Mauro Rasi, é o atual cartaz do Teatro Glória, Rio. A história se passa em **Brasília onde o cabeleireiro Fulvio)Gracindo Jr.)** é personagem central. O texto aborda o encontro de cinco figuras polêmicas: um ministro e sua amante, uma prostituta, uma marginal traficante de tóxicos que namora com o cabeleireiro e um motorista particular do ministro.

O primeiro ato tem apenas dois atores: o cabeleireiro e a prostituta de "alta classe", amante do ministro. Tudo indica que os autores querem mostrar como é difícil viver numa cidade em que a vida rotineira leva as pessoas a sentirem um certo tédio e inércia. Preparam os espectadores para o desfecho dramático e cômico do espetáculo. Os dois atores que protagonizam o primeiro ato (Gracindo Júnior e Araci Balabanian, como prostituta) têm nas mãos um texto, que além de ter boa carpintaria teatral, lhes oferece grandes oportunidades para colocarem em prática todo o seu conhecimento artístico. Araci Balabanian infelizmente não consegue aproveitar esta oportunidade. Em relação a Gracindo Júnior, temos aí uma grande revelação, num papel difícil que é o do cabeleireiro. Seus gestos, expressão corporal e facial seguramente nos remete ao cabeleleiro clássico. O leitor poderia pensar: imitar bicha é fácil. Ledo engano. Desmunhecar é fácil, mas manter toda uma postura de dar pinta, caminhar com certos trejeitos femininos, característicos de bicha, e manter todas as expressões frescas por duas horas aproximadamente de espetáculo, sem ser bicha, é muito difícil. O trabalho de ator de Gracindo está simplesmente irretocável.

Os demais atores pouco acrescentam ao espetáculo, salvo o veterano e seguríssimo André Villon, que também faz parte do time de bons atores brasileiros. O cenário de Colmar Diniz, um cenógrafo muito experiente, deixa a desejar na sua proposta. Num clima de mudança em que se encontrava o cabeleireiro, seu salão está desarrumado, porém fica nítido que houve um certo desleixo na composição geral. E isto não é típico num salão, principalmente de um cabeleireiro que vive numa cidade como Brasília, onde essa mão-de-obra é bastante procurada, dando assim oportunidade de um lucro suficiente para montar um salão de "bom gosto". Também é bom lembrar que as bichas cabeleireiras se preocupam muito com a aparência de seus locais de trabalho. Enfim, é uma peça razoável, na qual a presença de Gracindo Júnior vale uma ida ao teatro.

Logo após o espetáculo fomos bater um papinho informal com Gracindo Junior e ele nos fez algumas revelações sobre o seu trabalho em **A Direita do Presidente.** Presente no momento desse bate-papo nossa amiga Leci Brandão.

Com um aspecto de cansado (Gracindo tinha feito dois espetáculos naquele dia), ele nos recebe em seu camarim, muito sorridente. O clima é de alegria e de muitos parabéns pelo trabalho. Até champanha pintou no local, para todos os presentes. Nossa maior curiosidade era em relação ao seu desempenho como homossexual, fomos diretamente ao assunto. Diz Gracindo: "É a primeira vez que faço o papel de um homossexual, no teatro. Para mim é fascinante. Um ator normalmente deseja trabalhar em todos os papéis possíveis. Quanto ao papel de homossexual, na realidade, as minorias são muito disputadas para serem representadas. Agora, além disto, tive uma direção muito boa. A princípio a peça parece muito comercial, mas se a examinarmos bem ela se torna contundente. Sua crítica é do ponto de vista da direita e forma um conjunto complexo. Veja bem: existe uma prostituta que está se preparando para ir à posse de um presidente, o problema de um traficante de tóxicos é abordado, tudo isto na vida de um homossexual."

Num clima de abertura dos dias de hoje a tendência é prestigiar a maioria dos espetáculos mostrando situações em que a esquerda é mais abordada. Gracindo vê este aspecto com a maior amplidão: "Acho que o valor deste espetáculo está na abordagem da crítica em que feita da própria direita, e ao rei propriamente dito."

Fúlvio, ou Gracindo, nos conta como conseguiu liberar dentro de si muita espontaneidade para fazer este papel. Continua Gracindo: "O Fúlvio representa todos os homossexuais de sua classe. Para conseguir fazer este papel sem cair numa figura folclórica eu e a equipe nos voltamos para o mundo real dos cabeleireiros homossexuais. Tivemos supervisão do cabeleireiro Fernando. Além disto sou amigo de Clodovil e do Oldy, os quais me ajudaram muito. Mas teve um ponto importante neste trabalho que gostaria de colocar: não sou homossexual, e tive uma formação machista muito rígida. Quando começamos os ensaios apareceu no **Lampião** uma entrevista com Fernando Gabeira. Li a reportagem e fiquei muito envolvido com que ele disse. Chegamos a usar o **Lampião** como pesquisa no nosso trabalho. Senti então que precisava liberar a mulher que tenho dentro de mim. Fúlvio já tinha feito travesti, portanto sua relação está muito ligada com a mulher. Precisei despertar este lado meu para que o papel fosse bem feito. A partir deste momento senti que não era somente o ator que estava envolvido, mas que também uma relação mais .livre se passa agora dentro de mim."

Neste altura do bate-papo sentimos uma satisfação muito grande por saber que **Lampião** tem feito a cabeça não só dos homossexuais, mas também dos heteros. E para os que nos acusam de sectarismo, informo que a nossa proposta é de uma integração mais ampla possível, o que ficou confirmado com Gracindo e Gabeira, sem falar nos milhões de cartas que chegam à redação, considerando nosso trabalho uma verdadeira abertura (**Adão Acosta**).

AVE NOTURNA — JOSE CARLOS MENDES 1980

CERTA NOITE EM IPANEMA...
FIQUE QUIETA BONECA!
PARE AÍ! ISTO É UM ASSALTO
MAS... MAS O QUE É ISTO?
MAS EU NÃO TENHO DINHEIRO!
SE VIRE, SE NÃO TIVER VAI TIRANDO A ROUPA
MAS... VOCÊS NÃO PODEM FAZER ISTO
AH! AH! AH! O QUE NOS IMPEDE? NÃO PASSA NINGUÉM POR AQUI
CARA, ACHO QUE VEM VINDO ALGUÉM
É AVE NOTURNA O VIGILANTE GUEI
AVE NOTURNA ME AJUDE
EU TE CONHEÇO, BANDIDO!
TIRE A MÃO DO BOLSO VAMOS!
ELE TIRA A MÃO DO BOLSO
MEU DEUS É O MÃO BRANCA!
AVE NOTURNA ATACA IMPIEDOSAMENTE
APÓS ISTO LEVA SUA QUASE VÍTIMA SÃ E SALVA PARA CASA.
NEM VOU ENTREGAR MÃO BRANCA À POLÍCIA.

CARTAS NA MESA

"Miss Campinas"

Alô amigos Lampiônicos, aqui quem escreve é a "Miss Copacabana 80", ou Miloca da Esquina, agora conhecida como Marylin Monroe, com este último nome fui aclamada no domingo de carnaval na conhecida e badalada "Bolsa de Valores". Realmente, no dia do concurso a bolsa se apresentava em alta, pois lá estavam grandes valores; podíamos encontrar com Marlene Dietrich, Ângela Maria, Sônia Braga, Wanderléia e outras estrelas menos conhecidas. E aqui vai uma reclamação, porque só não vi os fotógrafos de nosso querido "Lampião", mas vai minha compreensão, pois quem é que gosta de trabalhar estes dias? Todos querem é brilhar. Aproveito para mandar um beijo especial para o Darcy Penteado, que estava assistindo ao concurso; realmente um grande valor, o qual me deixou muito emocionada em ter conhecido pessoalmente.

Agora a Miloca (Marylin Monroe) tem um ano de reinado e de glórias, e espera contar com o apoio de todos os colegas que a prestigiaram no concurso; a esse pessoal "Maravilha" um beijão.

A distribuição do jornal aqui em Campinas está ótima, fiquei surpresa ao passar por uma banca no centro da cidade e ver o tão desejado jornal colocado em destaque, aproveitei para informar a todos os amigos que logo adquiriram um exemplar. Gostaria muito que vocês publicassem fotos do concurso da bolsa de valores e do baile dos enxutos dos São José onde eu estou com a Faixa de "Miss Copacabana 80".

Miloca da Esquina — Campinas, SP.

R. — **Ih, Miloca/Marilyn, no dia do concurso da Bolsa toda a equipe do Lampa estava em altas libações chez Rafaela Mambaba (ela tinha enchido a piscina com batida de limão!). Nosso fotógrafo, o Dimitri, passou todo o dia imerso num profunda conversa filosófica com a cabra Zelda Fitzgerald, e a repórter escalada para cobrir o concurso, Leila Míccolis, acabou sendo vítima do comportamento sexista dos seus companheiros masculinos de jornal: teve que preparar uma feijoada na cozinha do chateau mambabense. Assim sendo... Quanto a Campinas, comprem o jornal, bonecas: Lampião merece.**

"Ora, Pombas!"

Amigos do jornal **Lampião** e Grupo Somos. Segue junto a esta carta um exemplar do "Ora Pombas!", jornal da Casa do Politécnico. Nosso jornalzinho nasceu com a finalidade de estimular e enriquecer a vivência interna da Casa. Nele publicam matérias diversas os moradores de nossa casa de estudantes e os amigos próximos/distantes/desconhecidos. Hoje, no terceiro exemplar, já conseguimos ampliar a tiragem(700 exemplares) e temos ótimas perspectivas de aumentá-la.

"Ora Pombas!" esta sendo enviado para todas as casas de estudantes do Brasil (mais de cem), com atenção especial para as casas do Estado de São Paulo. Nossa proposta é, numa palavra, ser um canal bastante aberto de publicações variadas. (Uma olhada no jornal deve dar prá sacar). Publicamos nestes três números lançados artigos sobre a discriminação da mulher. Queremos continuar dando força nesse sentido e ampliar para todos os movimentos de emancipação (homossexuais, negros, mulheres, índios...) Gostaríamos muito que nos enviassem matérias elucidativas de suas lutas. Pretendemos assim colaborar para divulgar e fortalecer os movimentos de emancipação.

Esperamos colaborações (individuais ou em nome do Jornal) para o endereço: Jornal "Ora Pombas?" Casa do Politécnico. Vital Pasquarelli Júnior (Bauru) Rua Afonso Pena, 272 — ap/51 — Bom Retiro — CEP 01124 — São Paulo. Abraços e muita força.

Vital Pasquarelli Jr. (Bauru) — São Paulo.

R. — **Lemos o "Ora Pombas!" e gostamos, Bauru. E conclamamos nossos colaboradores a mandar pra vocês o material que quiserem. E que tal o jornal ir cobrir o Encontro Nacional de Homossexuais que se realiza aí mesmo, em São Paulo, nos feriados da Semana Santa? Mais detalhes aqui mesmo, neste número do Lampa. Abraços pra você também.**

Um ledo engano

Dulcíssimo Lampião. Hoje eu serei bem rapidinho, pois tenho roupa seca no varal para recolher e vem vindo um temporal horroroso. Gostaria que você transmitisse estes dois recadinhos para os leitores:

1) Santa Briguilina: a prisão cautelar não é um negócio de louco mesmo, e pior: é uma medida que já tem o endereço certo. Seria interessante a gente começar a fazer alguma coisa para que o projeto não seja aprovado. Que tal enviarmos telegramas de protesto ao ministro da Justiça? Quem topar deverá endereçar o telegrama para o Ministério da Justiça, Esplanada dos Ministérios, Brasília (DF), 70000.

2) Bichas e lésbicas, pasmem? A revista "Rose" deu para discriminar os homossexuais. Vejam só — para você colocar o seu anúncio no "Gay Corner" da revista, você terá que anexar ao anúncio uma **fotocópia de sua cédula de identidade**. Se você dúvida, veja a "Rose" nº 08 e leia a carta que um leitor de Brasília escreveu, publicada em "Rose" nº 14/80. Eu fiquei pensando: se as donas-de-casa fundarem, com êxito, o bloco do boicote, por que nós não poderíamos criar um também? E poderíamos iniciar pedindo para que toda a bicha e toda a lésbica não comprassem qualquer revista, jornal, etc., que nos tratasse de modo discriminatório e preconceituoso, como "Rose", por exemplo. Beijos, beliscões e cafunés.

Luiz Carlos Munhoz — São Paulo.

R. — Não, não, Cacá, ledo engano seu: a "Rose" não faz isso por discriminação ou preconceito, mas sim porque tem muito heterossexual que, de pura maldade, manda o nome e o endereço dos inimigos para ser publicados no **Gay Corner**, e isso cria problemas para a revista, é claro. Nós, aqui do Lampa, também nos cercamos dos maiores cuidados para evitar esse tipo de coisas. O negócio é ler "Rose", que é ótima no seu gênero e também ajuda a abrir mentes e corações.

Mão parda?

Querido pessoal que compõe o jornal Lampião! Um beijão. O fim desta é para saber se é verdadeiro aquele telefonema de que o sr. Mão Branca, o exterminador de bandidos, esteve na Galeria Alaska e não escondeu que chegou a ficar assustado (pode, o Mão Branca assustado?) Claro que não, né? com tamanha promiscuidade; que não poderia admitir um ambiente daqueles diante de uma delegacia de polícia; e que na Alaska ninguém respeita ninguém (Não acho!); a prostituição, o homossexualismo estão aliados ao crime, numa permanente ameaça à família (o gay ameaça as famílias?); olha só que frase: "Estou decidido; vou colocar um fim naquilo tudo, nem que tenha que colocar o prédio abaixo..." Cuidado bonecas encubadas, assumidas e travestis, o Mão Branca mata! Que tenha tamanha ingenuidade dar um telefonema pra um jornal como Última Hora deste tipo. Nem morta, filho, nem morta! Se cuidem bonecas pois vem aí a guerra das bonecas; mãos às armas!

José Idelfonso — Rio.

R. — **Olha, Idelfonso, Mão Branca não existe, nem nunca existiu. Foi inventado por um jornalista irresponsável, cujo nome a gente sabe e pode divulgar a qualquer momento, se ele continuar tentando jogar os sádicos executores que pululam por aí contra os travestis (com os quais, por sinal, este mesmo jornalista costuma transar em horas mortas da noite...). A grande imprensa (irresponsável como é) só assumiu integralmente o Mão Branca inventado pelo tal jornalista porque percebeu que essa mentira ia ajudá-la a vender mais jornais. Mas a gente tem um dossier completo sobre o assunto, e um dia ainda publica, dando nomes a todos os bois (ou seriam jumentos?)**

Muriaé falando

Como é difícil começar, mas vamos nesta. Estou escrevendo esta para retificar um comentário sobre a Bragay que saiu na coluna Bixórdia do nº 21, Bragay é torcida do Brazão, time de futebol de Muriaé, não de Miraí como saiu no Jornal. (Muriaé, cidade pequena da Zona da Mata mineira, com 110 mil hab., situada às margens da BR-116 — Rio-Bahia, km. 259, e da BR-356 — Rio-Campos). Não sou da Bragay (não gosto de futebol), mas estou tentando entrar em contato com eles para que escrevam para vocês. Logo quando eu tenho a oportunidade de ver o nome da minha cidade estampada no "nosso" jornal vocês trocam o nome? Mas, contudo, e pra tudo, estou com vocês. Apesar de cair num lugar comum, quero dizer que vocês são ótimos; continuem sempre, vamos conquistar nosso espaço.

Cláudio Luiz — Muriaé, MG.

R. — **Taí o nome de Muriaé em corpo 18 no título, Cláudio Luiz. Por que você não manda pra gente um artiguinho dizendo como é a vida quei aí na sua cidade? A gente publica. Dizem que a Zona da Mata mineira é diferente de Belô — quer dizer, menos tradição, família e propriedade. Será?**

CARTAS NA MESA

Canabis sativa?

Querido Lampião: o jornal realmente fica cada dia melhor, não só por causa da qualidade das contribuições mas também pela preocupação demonstrada em ampliar cada vez mais a gama dos assuntos tratados e de transformar-se em um verdadeiro porta-voz das causas esquecidas e malditas. É por isso que estou estranhando a falta de menção a um assunto importantíssimo e que afeta uma parcela cada vez maior da população, especialmente mais jovem. Trata-se do problema da repressão ao consumo da maconha, um hábito brasileiro antiguíssimo, hoje difundido por todas as camadas da sociedade, desde indios no Maranhão até as cocotinhas de Ipanema, mas rotineiramente apresentado na grande imprensa como um flagelo nacional.

Qualquer pesquisa mais séria sobre o assunto invariavelmente acaba por concluir que os efeitos da **cannabis sativa** são menos graves que os do álcool. (Se vocês quiserem mais informações sobre o assunto, sugiro que perguntem a Rafaela, que depois de suas viagens pelo Extremo Oriente deve estar escoladíssima no assunto). Creio que seja a mais pura verdade dizer que hoje em dia a maior ameaça que paira sobre o maconheiro é a de ser pêgo e de sofrer maltratos, extorsões e humilhações na prisão. Eu tenho uma teoria pessoal que a repressão ao fumo serve para manter uma grande parte da população amedrontada e receôsa de participar de reivindicações públicas sobre qualquer assunto, pois uma revista pessoal mais detalhada, ou, pior ainda, uma visita à sua casa por parte dos agentes da ordem estabelecida à procura de material "subversivo" pode acabar por encontrar sementinhas, galhinhos ou bitucas comprometedoras.

É tambem importante ressaltar que nestes dias de paranóia generalizada a respeito de um aumento vertiginoso da taxa de violência no nosso país, que está sendo utilizado como pretexto para institucionalização da prisão cautelar e outros absurdos, um dos maiores impulsos à criminalidade vem dos lucros fabulosos advindos da comercialização do produto por parte de **gangs** organizadíssimas que muitas vezes parecem manter ligações estreitas com os "esquadrões da morte". Creio que a simples legalização do comércio da maconha e sua regulamentação por uma **fumobrás**, ou coisa parecida, seria extremamente eficaz para reduzir a taxa de criminalidade e violência e, tal como a revogação da lei sêca nos EUA, seria um duro golpe contra as **gangs** e a corrupção policial.

Bom, o resto da matéria eu deixo por conta de vocês, mas a cobrança está feita. Tenho certeza que este valente Fustigador da hipocrisia e defensor da liberdade do indivíduo de usar o seu corpo como quiser, não vai deixar a enorme "maioria" de maconheiros do Brasil na lata de lixo em que tanto o regime estabelecido quanto as oposições insistem em jogá-lo. Beijões em vocês todos e bons sonhos.

Edward MacRae — São Paulo.

R. — Ed, meu amor, você se esqueceu que também é colaborador desse jornal tão deflagrador? Porque não escreve você mesmo um artigo expondo suas idéias? A hipocrisia com que é tratada a questão do uso/venda de maconha já foi discutida muitas vezes em nossas reuniões; sabe-se que tem muita gente boa e bem estabelecida ganhando dinheiro às custas da clandestinidade que cerca a diamba, e que é essa gente quem mais luta pra manter a clandestinidade; todo o mundo pode usar, sim, desde que pague os altos preços (é isso mesmo: preço em $$$) que a ilegalidade exige. E haja dinheiro pros bolsos dos hipócritas. João Carlos Rodrigues, também nosso colaborador, já se adiantou, e está falando sobre o tema neste número. Agora é sua vez. Chega mais, xará. E high times pra você também.

Belô noturna

Queridos Lampiônicos: Nem é preciso dizer que adoro este jornal, vocês fazem a minha cabeça. Gosto muito de ler os roteiros gueis. Da maneira como vem descrito, eu diria que a vida guei de Paraty, Florianópolis, Juazeiro do Norte (imaginem!) é bem melhor que a de Belô, que é a 3ª cidade do país! Mas como eu não posso sair daqui agora, fica tudo no sonho mesmo. Gostei muito de Lampião nº 20, apesar do michê não saber a definição exata de um guei, eu gostei muito dele! Pena que esteja tão longe... Quanto ao filme "Os imorais" vocês disseram tarde demais que é um filme lampiônico, pois já saiu de cartaz. Eu não acredito que este filme volte a ser exibido, porque os filmes que têm um pouco da vida guei não voltam. O "Midnight Express" me deixou na saudade. Espero que esta simples cartinha não tenha sido cansativa para vocês.

Parfait-Amour — Belo Horizonte.

R. — Já que você não pode sair de Belo Horizonte, Amor Perfeito, então contente-se com o roteiro de sua cidade que a gente publica neste número. Espero que você concorde com ele, já que nosso enviado especial passou apenas alguns dias aí na capital mineira, e talvez tenha dançado em algumas coisas (ele jura que não). E se você quiser dar um pulinho em Juiz de Fora, também publicamos neste número o roteiro da segunda cidade mineira, da qual, entre suas proezas máximas, está o fato de ter sido o berço natal do querido Fernando Gabeira.

Alô, Yonne

Alô Yonne, tudo bom? Parabéns, sua bravura foi uma maravilha sobre o problema sexual, principalmente quando se trata da mulher gostar de outra. Eu não sou, mas acredito que este tipo de amor deve ser formidável — bem entendido, se for menor de verdade e não apenas desejo de sacar a carne ou satisfazer momentos considerados passageiros. Há quatro anos bati um papo com uma lésbica pelo telefone; ela me cantou de uma tal forma que fiquei bastante nervosa, apesar da educação como a mesma se apresentou; mas isso tudo é porque eu era muito boba nessa época, se não fosse a minha tolice hoje eu estava numa boa e não me encontrava tão solitária como estou no momento.

Na verdade tenho amigas, mas quase todas são casadas. Mesmo assim existe uma carioca que me paquera; estudamos no mesmo colégio mas em salas separadas mas de vez em quando ela pinta na minha sala. Mas é casada, só não tem filhos. No início eu pensava que fosse só amizade, mas depois desconfiei devido a maneira como ela dá beijos no meu rosto, é incrível, você precisava ver, ela é uma 'coroa' de trinta e oito anos, mas é aquela fogura, eu só não levo a sério porque tenho medo de haver problemas em relação ao marido da própria.

Volto ao seu anúncio: quero dizer o seguinte, será muito difícil uma mulher partir p/um esclarecimento tão corajoso igual o seu, seria uma boa se houvesse alguém para acabar com esses falsos preconceitos sobre a mulher.

Paula — Brasília.

Mulheres dançam

Ah, Cidade Maravilhosa... lugares mis para se curtir... preferências por este ou aquele local... Nós os destituídos de tantos preconceitos. Nós que somos um povo alegre por excelência. Quantos não ficam sonhando com as noites do Rio, doces e satisfatórias pelas surpresas que nos guardam? Chegamos ao Baixo Leblon, vamos à discoteca/boite curtir. E lá vem discriminação. O mesmo porteiro que nos sorri, no sábado, na hora de receber nosso dinheiro, nos barra com cara feia. Primeiro alega que não se interessa por fregueses de domingo, coisa impossível de ser falada à nós porque o grupo, quem morava no Rio era freqüentador habitual... e no mais: gente amiga de Brasília, que deve estar agora em solo candango, curtindo nossa cara.

Gente, não é pelo dinheiro que seria pago, não... É porque a discriminação pintou e pintou braba: os rapazes, festivos ou não, não eram barrados. Agora, chegasse uma menina/moça/mulher, mesmo que não fosse pintosa, era barrada. Pô, qual era? Não havia nenhum estereótipo de macho ali. Estávamos até, muito **ladys**, visto que nosso grupinho curte a sua essência feminina como coisa essencial mesmo, e mais, se isto não for convicente, havia a musa lampiônica conosco: isso, caros mios, estava presente Rafaela Mambaba, que havia ido dançar um pouquinho, e como nós acabou dançando em seu intento.

O Zig-Zag até então me èra citado como uma discoteca sem preconceitos, inclusive, com um dono "Hétero" but's de cabeça feitíssima... e agora, Manoel? Gente, não reclamo de pagar, não. Apesar de que seja mais que sabido que não se paga discoteca aos domingos... reclamo da discriminação em alto grau. Reclamo do que vem ser um atraso de mentalidade, entre pessoas até então com uma cabeça... se houve grilo com uma mulher, se alguém fez e aconteceu no lugar, please, barrem quem aprontou com vocês, but's não generalizem, porque o lance pega mûito mal... ET: gente amiga do **Lampião**, se a luta é nossa, vamos colocar o berro para funcionar... conto com a publicação desta. Beijinhos.

Yonne — Rio de Janeiro.

Domingo sem néctar

João Gilberto Noll

A abelha ronda a flor. O sol é das cinco horas da tarde de um verão. Um Posto de Gasolina está próximo da Abelha e da flor mas ele não vê a abelha e a flor. Um viajante pára o carro no Posto, sai no carro, abre a camisa e com o peito nu pensa numa abelha e numa flor. Ele cheira o ar pesado das imediações da cidade e volta a pensar na comunhão entre uma abelha e uma flor. A abelha é suavemente sonora e a flor tem uma cor amarela. Dá-se a cópula. Viajante entra no restaurante do Posto e pede uma cerveja gelada. Estupidamente gelada o garçon grita. Do banheiro dos homens saem alguns cidadãos meio estropiados pelas viagens. O viajante coça a sua têmpora esquerda. Um homem sai do banheiro abotoando a braguilha e vê um amigo na porta do restaurante. A abelha e a flor se separam e o calor foi um inferno de delícias. Domingo. Chora uma criança no restaurante e a mãe se impacienta. Ela não comeu nada hoje, diz para o marido. Mais carros param no Posto. O marido diz que faz cinco anos que eles se casaram e que ela devia pensar mais nele do que na filha. A filha pára o choro e olha atônita para o pai. O viajante toma a cerveja e deixa os pingos escorregarem pelo pescoço e peito. Dia de Reis. O marido sabe que ficará desempregado dali a duas semanas mas esconde o fato da mulher. A mulher tenta responder para o marido que ela gostaria de pensar mais nele do que na criança, mas o que sai é uma frase tão frugal que o marido não ouve. O sol começa a baixar. A abelha e a flor já não se verão mais. O viajante olha o casal e a criança e pensa no filho que perdeu. Sente-se só. A sua mulher não extrai mais o seu fogo e vive às voltas com seus produtos Avon. Vende-os de porta em porta pois o marido a entedia. Ela tem sangue índio e encontrou um homem inverossímel posto que extremamente jovem mas perfeito amante. Encontra-se com ele às sextas-feiras e passam o dia juntos. No hotel de um árabe que os chama batendo na porta pontualmente às nove horas da noite. A despedida os excita e eles se amam mais uma vez uma sofreguidão quase belicosa. A cortina do quarto esvoaça e é transparente. Nunca saem do quarto antes das dez. O árabe olha os dois com uns olhos obscenos e velhos.

O Viajante não sabe que a mulher tem outro. O Viajante pensa que a mulher o ama mas que está profundamente triste com a morte do filho. O casal diante do Viajante esquece um pouco a filha que agora dorme. Eles comem duas talhadas de melancia. O rádio do restaurante toca um bolero antigo. Lembra? — o marido arrisca. E a mulher responde lembro. Mais não conseguem. O Viajante olha o marido e a mulher diante dele e os quer bem como irmãos. Mas não insiste o olhar e disfarça o pensamento pensando na viagem. Irá a Sete Espadas, na casa dos pais da mulher que o espera depois de umas longas férias. Chegando em Sete Espadas tomará uma cachaça no bar do "seu" Estevão e depois irá para a casa dos sogros onde a mulher o estará esperando com as malas em volta. Como estará? Menos triste? Levará uma flor que encontrar pelo caminho, talvez a flor que acabou de receber a abelha. E a mulher pegará a flor, sem entusiasmo. Menos triste? A mulher tem dois seios duros, azeitonados, chama-se Serena, e cada palavra sua é uma espécie de recato. Por tudo isso Serena excita o Viajante. Ele a ama. Diz eu te amo Serena, o nosso filho morreu mas eu estou aqui, vamos voltar ao que a gente era antes, lembra quando a gente fazia amor em cima do tapete? Você balbuciava vem, você me fazia convites, Serena, você é a mulher que eu amo Serena, e com quem eu quero viver até morrer. Mas isso o Viajante só dizia em pensamentos como agora no restaurante enquanto o casal na mesa da frente olha o sono da filha e descansa. O Viajante gosta do casal assim de graça, como quem gosta de si mesmo. Mas o Viajante acorda do seu devaneio e nota que o casal se prepara para ir embora, a mulher tenta pegar a filha com um esforço humilde, o marido a acode e apanha a menina com uma desenvoltura frágil. Tudo ali estava num ponto de se quebrar como um vidro de alta tensão. No entanto o marido paga ao garçon e sai com a filha no colo, deixando a mulher uns passos atrás, enfiando rápido a mamadeira na sacola.

O Vijante sente-se só com a partida do casal e da filha e dirige o pensamento para a sua viagem, precisa ir, encontrar a mulher antes da madrugada pois quer pegá-la acordada, pronta para partir. O Viajante paga a conta e entra no banheiro. A urina pesa na bexiga, essa preguiça de urinar, lhe intriga esquecer de urinar assim por horas. Abre a braguilha, o pênis está quente e levemente inflado, a urina começa a escorrer sem muito ímpeto, o alívio retardando-se como um prazer. Na sua frente a inscrição ANISTIA, ele pensa nos que estão presos nesse momento, como estará nessa tarde de calor esta cela que ele vê agora em pensamento? Um homem jovem sentado na cama do exíguo aposento, mexendo nas unhas por não ter nada que fazer nesse domingo, escarafunchando nas unhas com certa obsessão. A urina continua a escorrer meio escasseada, um rapaz abre a braguilha ao lado do Viajante, retira o pênis, começa a mijar, o Viajante olha sem se mover e sente a sua própria mão queimar. Perturba-se com a sensação estranhamente quente na mão e volta logo o olhar para a inscrição ANISTIA quando se dá conta de que o rapaz que mija ao lado é o mesmo que ainda viu agora em pensamento dentro da prisão, e não sabe se deve voltar o olhar para ele, talvez seja melhor fixar a visão na ANISTIA e imaginar a abelha rondando a flor, a abelha aproximando-se da flor, tocando a flor, inspecionando o terreno da corola, sua jazida do néctar que fabricará o mel — a abelha percebe que está num terreno de ricas promessas, reage com um frêmito no ar, as asas se convulsionaram numa repentina alucinação, a flor relampeja o seu amarelo e o Viajante ali, olhando a Anistia e endurecendo o corpo como se prevendo alguma queda, o rapaz nota sem querer que o pênis do Viajante está quase totalmente intumescido mas não conserva o olhar porque enerva-se brutalmente e o seu próprio pênis ganha um inesperado influxo, a mão do Viajante começa a arder em chamas e ele sente que uma náusea o salvaria, a alguns segundos os dois pênis já não urinam, estão ali, donos de si mesmos mas dominados por um impasse que não sabem de que, o Viajante e o rapaz se aprumam e fecham a braguilha, outros conversam e mijam, alguém fala que já é de noite. A essa hora a abelha já contém o néctar da flor. O Viajante assobia e lava as mãos que logo mais tentarão o corpo índio da mulher. O rapaz sumiu na estrada. Lá vai o seu carro.